



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Licenciatura em Sociologia

Título:

“Não há quem escolhe ter uma vida amarga”: um estudo sobre a construção da identidade social das mães solteiras a partir da vida quotidiana em Maputo, 2021.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção de grau de
Licenciatura no curso de Sociologia pela Universidade Eduardo Mondlane

Autor:

Helmano José Orlando Mondlane

Supervisor: Baltazar Muianga, PhD

Maputo, Outubro de 2021

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Licenciatura em Sociologia

Título:

“Não há quem escolha ter uma vida amarga”: um estudo sobre a construção da identidade social das mães solteiras a partir da vida quotidiana em Maputo, 2021.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção de grau de Licenciatura no curso de Sociologia pela Universidade Eduardo Mondlane

Autor:

Helmano José Orlando Mondlane

Supervisor: Baltazar Muianga, PhD

Maputo, Outubro de 2021

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Licenciatura em Sociologia

Título:

“Não há quem escolhe ter uma vida amarga”: um estudo sobre a construção da identidade social das mães solteiras a partir da vida quotidiana em Maputo, 2021.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção de grau de Licenciatura no curso de Sociologia pela Universidade Eduardo Mondlane

Autor:

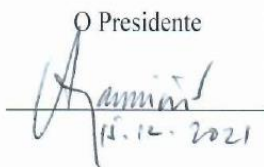
Helmano José Orlando Mondlane

O Júri:

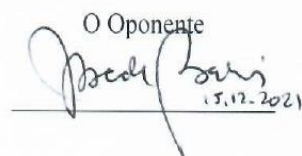
O Supervisor



O Presidente


15.12.2021

O Oponente


15.12.2021

Maputo, aos 03 de Dezembro de 2021

Declaração de Honra

Eu, Helmano José Orlando Mondlane, declaro por minha honra que o presente trabalho é da minha autoria, que nunca antes foi apresentado completa ou de forma parcial para avaliação em nenhuma instituição de ensino, a nível nacional como também num outro país.



(Helmano José Orlando Mondlane)

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais: Orlando José Mondlane e Ana Jossias Ngomane, que me criaram no meio de trincheiras e águas sombrias e às mães e pais que lutam para cuidar dos seus filhos, que investem na educação dos homens do amanhã, e dos defensores dos valores morais.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, o criador de todas as coisas naturais e sobrenaturais. Agradeço de coração por ele ter me amparado e colocado na minha vida pessoas especiais que me fizeram seguir em frente, e me ajudaram a dar a volta por cima na minha vida em momentos de crise.

Meus profundos agradecimentos vão ao meu supervisor Baltazar Muianga, aos meus professores e mentores bem como ao Departamento de Sociologia no geral. Mais do que professores, foram uma família, por me acolherem académica e socialmente, me fizeram dar sempre o meu melhor e sempre acreditaram em mim.

À minha família, principalmente aos meus pais, que já não estão em vida, vai a minha mais profunda gratidão pela luta e pelo empenho que tiveram em me tornar num aluno exemplar e cada vez mais focado. Agradecer às minhas irmãs por iluminarem o meu coração ainda que eu tenha a alma de um soldado. Aos meus padrinhos por serem meus guias espirituais e por me tratarem como um filho, consoante os poderes que Deus lhes deu.

Agradeço ao grupo “*Unidos até ao fim*” do qual faço parte com Diana Guiloviça, Leopoldina Macule, Morácia Canda, Neyde Dimande e Sheila Nhalissa. Elas foram as pessoas que empurraram a minha cadeira de rodas moral e emocional, e companheiras de carteira muito divertidas. À turma de Sociologia de 2017 no geral, meus estimados colegas.

Aos meus amigos e companheiros que contribuíram para a realização deste trabalho, nomeadamente: Aida Camacho, Clóvis Fórtune, Márcia Ngomane e Santos Chilaule, o meu mais sincero e profundo agradecimento.

Agradeço profundamente às mães solteiras que aceitaram abrir os capítulos das suas vidas e dos seus corações para mim, pois são as personagens principais deste trabalho.

Agradeço ao Rei Davi, pelo incomparável e inigualável livro de Salmos, e ao apóstolo Paulo por todos os seus ensinamentos. Deram-me a inspiração necessária para a vida e para os estudos.

Por fim, agradecer a todos que tornaram este trabalho possível, directa ou indirectamente. Meu muito obrigado!

Epígrafe

Tenho duas tatuagens na alma:

1. No ano 2014, no dia da cerimónia fúnebre do meu pai, a minha professora de Química (Guilhermina Nhantumbo Macombo), da 10^a classe, veio até mim, abraçou-me e sussurrou no meu ouvido: *“Helmano, você será um menino de muita sorte”*. Jamais me esqueço desse dia, pois dela recebi uma bênção que se manifesta até hoje.
2. Durante uma crise existencial, perguntei ao meu grande professor e guia: *“Professor, por que motivo não consigo encontrar o meu lugar no mundo?”*. A resposta dele foi a melhor de sempre: *“Porque estás aqui para corrigi-lo!”*.

Estes foram dois momentos que jamais serão apagados da minha memória.

Resumo

Este trabalho foi realizado com o objectivo de compreender o processo de construção da identidade das mães solteiras a partir da vida quotidiana. A problemática discutida está ligada ao estudo das experiências e vivências subjectivas da maternidade monoparental, tópico que não foi explorado com profundidade no debate sociológico que os artigos consultados apresentaram. A teoria fenomenológica de Alfred Schutz foi o orientador usado para abordar a questão das experiências subjectivas ligadas à monoparentalidade feminina. A pesquisa foi realizada com base no método qualitativo, no qual foram usados a entrevista e a história de vida para a recolha dos dados. A amostra foi definida por saturação, e abrangeu 7 mães solteiras, residentes na Cidade e Província de Maputo. Os dados recolhidos mostraram que ser mãe solteira é uma luta constante pela aceitação social, e pela estabilidade económica para cuidar do filho, e de si mesma. Ao analisar as experiências das mães solteiras no quotidiano, percebe-se que elas são alvo de controlo social constante e ocupam uma camada social desprestigiada, mas lutam para mudar essa situação. O quotidiano oferece diferentes situações sociais e é neste espaço que as mulheres vão definindo de forma contínua e fluida a sua identidade social, em função da atitude que consideram adequada para cada situação.

Palavras-chave: identidade social; maternidade monoparental; estigma; vida quotidiana.

Abstract

This work was realized with the objective of understanding the process of the single mothers identity's construction from the everyday life. The discussed problematical is linked to the study of the subjective experiences of single parent, a topic that was not discussed with depth in the sociological discussion that the consulted articles presented. The phenomenological theory of Alfred Schutz was the advisor used to approach the question of the subjective experiences related to the single mothers. The research was realized based on qualitative method, where were used the interview and life's history for the data collection. The sample was defined by saturation, and covered 7 single mothers, residents in Maputo City and Province. The collected data showed that being a single mother is a constant fight for social acceptance and for economic stability to care the child and herself. When analyzing the experiences of single mothers in everyday life, it is clear that they are a target of constant social control and they occupy a discredited social layer, the reason why they fight to change that situation. The everyday life offers different social situations and is in this space that women define in continued and fluid form, their social identity, according to the attitude that they consider appropriated for each situation.

Key words: social identity; single parent; stigma; everyday life.

Índice

Declaração de Honra	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Epígrafe	iv
Resumo	v
Introdução.....	1
1. Revisão da Literatura.....	4
1.2. Problema de Pesquisa.....	10
1.2.1. Pergunta de partida	10
2. Quadro Teórico e Conceptual	11
2.1. A Teoria Fenomenológica de Alfred Schutz.....	11
2.2. Definição e operacionalização de conceitos.....	13
2.2.1. Identidade social	13
2.2.2. Maternidade.....	14
2.2.3. Estigma.....	15
2.2.4. Vida quotidiana.....	16
3. Metodologia	17
3.2. Método de Pesquisa	17
3.3. Método de Abordagem.....	17
3.4. Método de Procedimento.....	17
3.5. Técnica de recolha de dados.....	18
3.6. Universo e amostra	19
3.7. Técnica e tipo de Amostragem	19
3.8. Questões éticas da pesquisa.....	20
3.9. Constrangimentos na realização da pesquisa	20
4. Apresentação, Análise e Interpretação dos dados	22

4.1. Perfil sócio-demográfico das mães solteiras	22
4.2. A trajetória da vida conjugal e afetiva das mães solteiras	23
4.2.1. <i>Da gravidez às mudanças na dinâmica conjugal</i>	23
4.2.2. <i>A convivência entre mãe e pai separados, com a criança: conflitos e consensos</i> 25	
4.3. O processo de vivência da gestação e do parto	27
4.3.1. <i>A gravidez como objecto de práticas, lógicas e interpretações sociais</i>	27
4.3.2. <i>Gravidez: um mosaico de carência, sofrimento e solidão</i>	30
4.4. Relação entre a mãe solteira, família, amigos e vizinhos no seu quotidiano	31
4.4.1. <i>“Ser mãe solteira não é culpa” : a luta pela aceitação social</i>	31
4.4.2. <i>A negociação da reputação por parte das mães solteiras</i>	33
4.5. As redes sociais de apoio e solidariedade das mães solteiras	34
4.5.1. <i>O apoio financeiro, moral e emocional prestado pela família, vizinhos e amigos</i> 35	
4.6. O quotidiano das mães solteiras: dificuldades e estratégias de superação	36
4.6.1. <i>A resiliência e auto-afirmação das mães solteiras nas dificuldades no quotidiano</i>	37
4.6.2. <i>A mãe solteira como aquela que não consegue “segurar o homem”</i>	39
4.7. A construção da identidade social a partir da experiência de maternidade	40
4.7.1. <i>Ser mãe solteira significa “ser pai e mãe ao mesmo tempo”</i>	40
4.7.2. <i>Ser mãe solteira é demonstrar força e capacidade, é ser imparável</i>	41
4.7.3. <i>Ser mãe solteira é ser devota ao filho e abdicar dos seus prazeres</i>	43
5. Conclusão.....	47
5.1. Limitações do estudo	49
6. Referências Bibliográficas	50
ANEXOS	53

Introdução

Este trabalho busca investigar e analisar sobre o significado de ser mãe solteira, as implicações práticas que esse título traz para a vida das mães que criam seus filhos separadas dos pais. Procura-se aprofundar sobre a vida de mulheres que se tornam mães “fora do padrão convencional”, em que as mães criam os filhos na presença e apoio dos seus maridos, os pais da criança nesse caso.

O interesse desta pesquisa, é procurar olhar para a vida que é levada por estas mães, e como ela se manifesta no quotidiano, que é um espaço de inserção social e criação de relações com as outras pessoas. Pretende-se aqui saber, como é que as mães solteiras são encaradas e tratadas na sociedade e qual tem sido a reacção delas.

No âmbito da realização do presente trabalho, pretendia-se discutir a construção da identidade social das mães solteiras a partir da vida quotidiana em Maputo. O foco deste trabalho é a subjectividade, que está por detrás das vivências e experiências das mães solteiras no seu dia-a-dia, que influencia a sua identidade social, ou seja, a forma como ela se vê e como se sente tratada quando interage com os outros.

Isto acontece numa sociedade que ainda alberga certos valores tradicionais sobre a constituição da família, em que o filho deve estar sob os cuidados do casal, e a maternidade é vista como um papel que deve ser reforçado pela paternidade, pois o pai representa a autoridade que coloca ordem na casa. Uma mãe sem marido passa a representar uma “casa ou família sem ordem”.

A pesquisa foi realizada em Maputo, em contacto directo com as mães solteiras, de modo a compreender como elas constroem as suas identidades sociais, que desafios enfrentam, como vivenciam o “ser mãe solteira” no seu quotidiano.

O objectivo geral deste trabalho é de compreender o processo de construção da identidade social das mães solteiras a partir da vida quotidiana.

Os *objectivos específicos* são: **(i)** descrever e analisar a trajectória da vida conjugal e afectiva das mães solteiras; **(ii)** descrever e analisar o processo de vivência da gestação e do parto; **(iii)** caracterizar a relação entre a mãe solteira, a família, os amigos e os vizinhos no seu quotidiano; **(iv)** identificar as pessoas que prestam apoio e solidariedade às mães solteiras; **(v)** identificar os principais desafios ligados ao quotidiano das mães solteiras; **(vi)** descrever e

analisar o processo de construção da identidade social das mães solteiras a partir da sua experiência de vida e de maternidade.

Na componente da *justificativa*, a realização deste trabalho é pertinente na medida em que permite estabelecer uma nova forma de olhar para as mães solteiras, procurando estudar de forma aprofundada, o processo de construção da identidade social, a forma como ela é tratada pelos outros e como ela se apresenta aos outros, os desafios que ela enfrenta pelo facto de ser mulher, e mãe solteira.

Por outro lado, a relevância da realização deste trabalho, encontra-se no facto dele permitir captar os processos sociais e históricos de mulheres que criam seus filhos sozinhas devido à separação, o abandono por parte do marido, ou viuvez, que são apontados na literatura consultada como as principais razões por detrás da existência das mães solteiras. Por fim, este trabalho permite-nos perceber como se caracteriza a dinâmica conjugal que resulta no surgimento de mães solteiras.

Este trabalho enquadra-se na Sociologia da Família, porque aborda questões ligadas ao parentesco, maternidade e relações entre mãe e filho. Encontra-se enquadrado também na Sociologia da Vida Quotidiana porque busca aspectos vivenciados pelas mães solteiras no seu dia-a-dia, abarcando os desafios que elas enfrentam. Por fim, enquadra-se na Sociologia do Desvio porque poderá permitir perceber como é que ser mãe solteira se constitui socialmente como uma conduta desviante, olhando para os processos sociais através dos quais o tal desvio se processa, e quais implicações isso traz para a vida das mães solteiras.

Em termos de organização, o trabalho encontra-se disposto em capítulos, cada um deles com as suas questões e discussões.

No capítulo 1 consta a revisão da literatura, onde tem-se as principais abordagens sobre o tema debatido, o problema de pesquisa, e a pergunta de partida. No capítulo 2 é apresentado o quadro teórico e conceptual que vai orientar a análise da vida social das mães solteiras, que no caso é a teoria fenomenológica de Alfred Schutz e a seguir, há a parte da definição e operacionalização dos conceitos. No capítulo 3 encontra-se a parte da metodologia, onde foi usada a metodologia qualitativa, através da escolha da entrevista guiada e história de vida como instrumentos de recolha de dados. A amostragem foi não-probabilística, por bola de neve, e a amostra foi definida por saturação, abarcando um total de 7 mães solteiras. Nesta

parte também foram apresentadas as questões éticas e constrangimentos durante a realização da pesquisa.

O capítulo 4 refere-se à apresentação, análise e interpretação dos dados de campo, no qual são apresentadas as diversas perspectivas traçadas sobre a identidade social das mães solteiras, nomeadamente: (i) o perfil sócio-demográfico das mães solteiras, (ii) a trajectória da vida conjugal e afectiva das mães solteiras, (iii) processo de vivência da gestação e do parto, (iv) relação das mães solteiras com a família, amigos e vizinhos no quotidiano, (v) as redes sociais de apoio e de solidariedade das mães solteiras, (vi) o quotidiano das mães solteiras: dificuldades e estratégias de superação, e (vii) a construção da identidade social a partir da experiência de maternidade. Por fim, são apresentadas as principais conclusões da pesquisa e as respectivas limitações, seguindo a parte das referências bibliográficas e anexos.

1. Revisão da Literatura

Neste capítulo, pretende-se discutir as diferentes perspectivas ligadas à monoparentalidade feminina, ou seja, a condição em que uma mulher solteira desempenha o papel de mãe, e por vezes, de chefe de família. Ao longo da discussão, são apresentadas as seguintes abordagens: (i) *a existência de mães solteiras enquanto um processo de constituição de novos modelos de maternidade e de família*; (ii) *o quotidiano das mães solteiras: entre o auto-sustento e a vulnerabilidade económica*; (iii) *a relação entre as mães solteiras e os pais das crianças: responsabilidades e conflitos*, e (iv) *o ser mãe solteira enquanto uma violação dos princípios morais*.

Cada uma destas abordagens traz diferentes dimensões da identidade social das mães solteiras que permitem perceber de um modo geral quais são os debates que são levantados pelos autores sobre as mães solteiras ao longo do tempo.

A monoparentalidade feminina: novos modelos de maternidade e de família

Quando se fala de mães solteiras na Sociologia, entra-se em debate sobre o surgimento da família de tipo monoparental. Sobre este tema, diversas são as perspectivas que os autores procuram estudar: as causas que concorrem para o surgimento destas famílias, o reconhecimento jurídico-legal destas famílias, as relações afectivas que se podem identificar, entre outras abordagens sociológicas.

O facto de existirem mulheres que se divorciam tendo filhos, ou mulheres que criam filhos sendo solteiras origina um novo e crescente padrão de família, a que se chamou de famílias uniparentais ou monoparentais. Este tipo de família não só altera o tamanho, mas também a forma de constituição de família, pois nestes casos, as mulheres têm sido o principal progenitor e chefe de família, logo a figura central das relações na família (Marin, 2005).

O surgimento deste tipo de família implica o estabelecimento de um novo padrão de relações sociais e familiares, em que a mãe assume a responsabilidade pelos cuidados para com o filho. Esta família constituída por mãe e filho (ou filhos) possui sua própria dinâmica interna.

As causas por detrás da existência deste tipo de família podem ser o divórcio, a viuvez, o abandono ou a separação. Esta situação cria um reordenamento do sistema familiar, então, além de famílias nucleares e alargadas, existem também as famílias de mães solteiras (Marin, 2005).

A família é uma instituição social e uma construção humana mutável, constituída culturalmente pelos indivíduos, e ela não obedece leis preexistentes, a sua estrutura é dinâmica, e ela está em constante mudança (Soares & Carvalho, 2003).

A constituição de uma família, não obedece necessariamente de uma determinada norma, pelo que, elas podem ser constituídas em função do modo como vivem as pessoas envolvidas se relacionam, e nesse processo, pode haver uma intenção de formar uma família monoparental feminina, ou pode ser por força das circunstâncias.

As famílias de mães solteiras são reconhecidas como uma parte dos novos padrões de família que emergiram na sociedade. A existência deste tipo de família é variada em função dos contextos sociais e culturais, bem como pelos motivos que afastam as mulheres com filhos dos seus progenitores. Existem mulheres que procuram intencionalmente ter filhos e cuidar deles sem a presença do pai, assumindo a monoparentalidade feminina de forma propositada, no entanto, existem aquelas que acabam sendo mães solteiras por motivos alheios à vontade delas (Chicolo, 2017; Oliveira, 2014; Oliveira, 2015).

O quotidiano das mães solteiras: entre o auto-sustento e a vulnerabilidade económica

As mães solteiras procuram desenvolver estratégias para conciliar a dinâmica do trabalho que garante o sustento da família, ao mesmo tempo, tentam garantir uma convivência sólida e saudável com os seus filhos, procurando dar a eles uma boa educação e os devidos cuidados que fazem parte do papel social de mãe, recorrendo assim às redes sociais de apoio se necessário (Almeida, 2007; Marin, 2005).

Ser mãe solteira implica em algum momento ter uma dupla função: ser trabalhadora e provedora financeira do lar, e, por outro lado, estar sempre presente para os filhos, prestar assistência e apoio emocional aos filhos o que por vezes exige a ajuda do grupo de pares e da rede de contactos.

O desempenho do papel de mãe solteira não acontece de forma completamente ordeira e tranquila porque a sociedade ainda impõe sobre as mulheres o seu papel tradicional de mãe de família e casada. Ser mãe solteira representa uma transgressão as normas sociais e a tradição familiar, o que a torna alvo dos meios de controlo social através da ridicularização, difamação e do isolamento (Berger, 1986 apud Soares & Carvalho, 2003). Estas mulheres são excluídas socialmente e não recebem apoio da comunidade, por vezes, elas se prostituem ou se envolvem com homens casados para poder sobreviver (Soares & Carvalho, 2003).

Existem factores negativos que também foram identificados no âmbito das relações sociais nas famílias de mães solteiras. Estes factores estão ligados à baixa renda delas, o facto de serem socialmente isoladas e possuírem necessidade de uma maior rede de apoio social passam por situações de vida delicadas, e apresentam problemas de stress. Existem situações em que as mães solteiras passam por eventos de desumanização, estigma, solidão, humilhação, preconceito, pobreza e desamparo (Sousa, 2002 apud Marin, 2005).

As dificuldades enfrentadas pelas mães solteiras no contexto das famílias monoparentais também são discutidas num estudo desenvolvido por Scarpellini e Carlos (2011) e Chicolo (2017), que argumentam que as mães solteiras enfrentam o desafio de terem de trabalhar e ser responsáveis pela família. Esta situação exige a participação afectiva da mulher nas relações com seus filhos, ao mesmo tempo os recursos financeiros para sustentar as necessidades quotidianas são necessários. Nesta condição, as mães solteiras não têm alguém com quem possam dividir as despesas, tanto a sustentabilidade da família, assim como a convivência, estão sob tutela delas.

A jornada das mães solteiras é percebida como um processo que apresenta momentos de solidão na medida em que não há um parceiro com quem podem ser divididas as preocupações do quotidiano, resultando em sobrecarga e stress. O contexto social e económico em que a mãe solteira vive com seus filhos pode desencadear comportamentos de tristeza que mostram consequências psicológicas ligadas a este papel.

A condição de ser mãe solteira é frequentemente associada à de pobreza, o que de certa forma intensifica a desvalorização social deste grupo de mulheres (Machado, 1998). Existe uma relação entre ser mãe solteira e se encontrar numa condição de pobreza, o que aumenta o grau de exclusão deste grupo. Por um lado, elas violam uma determinada norma social, uma expectativa que está ligada à instituição do casamento formal para que a maternidade seja legítima, e, por outro lado, elas geralmente são pobres, vivendo em condições de precariedade.

Em Portugal, pesquisas mostram que as raparigas de classe baixa, quando ficam grávidas, têm mais chances de se tornarem mães solteiras e de não mais conseguirem se casar, enquanto que as raparigas solteiras ricas, quando grávidas, muita das vezes, acabam por contrair matrimónio com os homens que as engravidaram (Machado, 1998). No caso de Moçambique, há escassez de pesquisas que permitam discutir este assunto olhando para as especificidades do contexto social em alusão.

A relação entre mães solteiras e os pais das crianças: responsabilidades e conflitos

As mães solteiras tendem a evitar manifestar a necessidade de participação moral, económica e afectiva dos pais dos seus filhos na vida delas e dos filhos. Elas procuram definir rotinas e estratégias que as permitam equilibrar o trabalho e os cuidados para com a família, de modo que a ausência do pai não seja sentida. Elas evitam pedir ajuda aos pais de seus filhos, optando por receber ajuda das suas redes de apoio social (Scarpellini & Carlos, 2011).

Esta dedicação intensiva que a mulher manifesta para cuidar da família, dando amor e atenção aos filhos, e o facto de ser mãe solteira acaba levando-a a mutilar seus sonhos e planos de vida, entregando todas as suas energias para cuidar dos filhos e dar o melhor que puder para eles (Scarpellini & Carlos, 2011).

As mulheres que assumem a maternidade e cuidam dos filhos sem a presença do pai, procuram desenvolver autonomia social e financeira, de modo que não fique evidente que a presença do pai da criança é necessária, para tal, elas se esforçam de diversas formas, procurando garantir que nada falte ao filho.

Em algumas situações, as mães requisitam o apoio dos pais no crescimento dos filhos, em jeito de apoio financeiro, e para tal recorrem às instâncias jurídicas, pois tanto as mães assim como os filhos são legalmente protegidos pela lei, no entanto, os processos judiciais costumam ser demasiado morosos na sua execução e finalização (Sarragioto, 2016).

No caso em que a mulher não tem um bom trabalho, ela costuma viver com os pais para poder ter uma casa, mas quando pode, costuma arrendar uma (Machado, 1998). Muitas das vezes, quando a mulher vive sozinha e se sustenta por conta própria, costuma contar com a ajuda de vizinhos e familiares próximos (Albino, 1986).

As mães solteiras procuram desenvolver estratégias para conciliar a dinâmica do trabalho que garante o sustento da família, ao mesmo tempo que tentam garantir uma convivência sólida e saudável com os seus filhos, procurando dar a eles uma boa educação e os devidos cuidados que fazem parte do papel social de mãe, recorrendo a redes sociais de apoio quando necessário (Almeida, 2007; Marin, 2005). Estes autores mostram a forma através da qual a mãe solteira procura se integrar, mostrando-se ser uma mulher trabalhadora, e buscando por ajuda.

A conduta de distanciar-se do pai dos seus filhos pode ser desencadeada voluntariamente ou acontecer sem que seja planeada. Por vezes as mães solteiras se relacionam com homens que depois perdem a vida, que podem ter abusado delas sexualmente, ou que tenham tido uma relação sexual ocasional que resultou em gravidez. Por outro lado, as mulheres tomam a iniciativa de se distanciar dos homens como em casos em que sofrem violação sexual, agressão física e maus tratos por parte dos maridos, ou simplesmente a relação não dá certo e sente-se a necessidade de separação, elas acabam por levar os filhos e se afastam do pai deles (Oliveira, 2014). Porém, estas mulheres continuam a correr o risco de ser discriminadas ainda que as razões que as levaram a ser mães solteiras sejam legítimas (Thurler, 2010).

Geralmente, as mães solteiras evitam mostrar ao pai dos seus filhos que elas precisam de ajuda ou que sentem alguma dificuldade em lidar com um determinado problema que enfrentam e optam por procurar soluções sozinhas, ainda que isso resulte numa sobrecarga em termos de tarefas executadas no quotidiano, e responsabilidades para com a família (Scarpellini & Carlos, 2011).

Ainda que haja um conjunto de crenças, segundo as quais uma família em que o pai se encontra ausente é frágil e vulnerável, as mães solteiras se mostram capazes de organizar a sua vida e dar o necessário aos seus filhos, e nem sempre se faz sentir a necessidade da presença do pai, seja afectivamente ou financeiramente (Oliveira, 2014).

Algumas mulheres conseguem executar o papel de mãe e de provedora financeira sem dificuldades, por possuírem um emprego e uma rotina que não as sobrecarregue. Nestas situações, a ausência do pai, só é socialmente interpretada como sinal de vulnerabilidade, mas nem sempre corresponde ao que acontece na prática, pois há mulheres que conseguem dar conta das suas múltiplas funções.

O ser mãe solteira enquanto uma violação dos princípios morais

Para Machado (1998) a categoria de mãe solteira representa um modelo de ser mãe que está ligado a um certo padrão moral onde a maternidade é associada à um estado civil ou situação conjugal que a legitima na sociedade. Essa legitimidade é conferida pelo casamento e pela fidelidade da mulher e mãe, que são considerados atributos desejáveis para as mulheres e mães.

Pode-se perceber que o termo mãe solteira remete a uma categoria moral que é direccionada à mulher. Assim sendo, importa resgatar a ideia que defende que a importância atribuída ao

casamento, produz uma não-aceitação social da mãe solteira. O que fica patente é que para ser mãe, está também implicado um estado civil que deve legitimar a maternidade, ou torná-la moralmente aceitável, caso contrário, há uma reprovação social que recai sobre ela.

E mais do que uma violação do padrão moral, ser mãe solteira é visto como um problema social que urge solucionar (Machado, 1998), no sentido em que a condição de mãe solteira apresenta-se como um mal que precisa ser corrigido, de tal forma que, é preciso estudar uma solução urgente para resolver o problema. Deste modo, a condição de mãe solteira é socialmente indesejada e repudiada, é tratada como uma questão que demanda uma correcção. Esta situação reforça a moralidade que está ligada à maternidade nas relações sociais.

Ser mãe solteira, muita das vezes, acaba sendo encarado como um namoro que não era para dar certo, mas que acabou indo longe demais, onde a mulher foi descuidada (Albino, 1986), o que mostra a isenção de culpa na parte do homem, pois este não é criticado por abandonar o filho, mas a mulher é criticada por ter um filho sem pai presente, mas vivo.

A discussão sociológica sobre a condição social das mães solteiras foi feita tendo como base diversas pesquisas realizadas em contextos de outros países como Brasil e Portugal, devido à escassez de documentos produzidos sobre este assunto em Moçambique. Entretanto, a discussão aqui levantada constitui um ponto de partida para estudar este assunto no contexto moçambicano.

Ao longo do debate, puderam ser tiradas as seguintes constatações:

- (i) As mães solteiras costumam assumir responsabilidades económicas e afectivas, e constituem um novo padrão de família: a monoparentalidade feminina;
- (ii) As mães solteiras enfrentam diversos desafios como: estigma, falta de um parceiro com quem partilhar as suas preocupações, o controlo social por parte da família por ela ter se desviado sexualmente (ou ter violado os preceitos morais), ser uma mãe participativa na vida do filho e trabalhar para garantir o sustento da família;
- (iii) As mães solteiras procuram construir uma vida social orientada à prestação de cuidados ao filho, prestação de apoio emocional, e satisfação de necessidades económicas do filho, e procuram tornar desnecessária a presença do pai.

1.2. Problema de Pesquisa

O problema de pesquisa foca-se fundamentalmente na dimensão subjectiva do processo de ser mãe solteira, saindo daquilo que são os discursos da sociedade sobre o modo legítimo de ser mãe (mãe casada e que vive com o marido), e analisando os processos pelos quais a identidade da mulher que é mãe solteira se constrói.

No debate sociológico levantado pelas pesquisas anteriores, há um enfoque nos aspectos familiares, jurídicos, estruturais, económicos, demográficos, laborais e das relações afectivas entre mãe e filho das mães solteiras mas não foi explorada com profundidade a questão de como é construída a identidade social da mãe solteira e quais são os significados que ela constrói para as suas experiências do quotidiano.

Desta forma, esta pesquisa foi elaborada com o propósito de tomar a construção da identidade social das mães solteiras enquanto um processo subjectivo e socialmente condicionado como um objecto de análise, considerando que esta componente da vida das mães solteiras não foi tomada como objecto de estudo em pesquisas sociológicas anteriores.

1.2.1. Pergunta de partida

Como é que ocorre o processo de construção da identidade social das mães solteiras a partir da vida quotidiana?

O processo de ser mãe é social e moralmente condicionado pela situação conjugal, o que resulta num tratamento diferenciado entre mães casadas e mães solteiras. As mães solteiras, por estarem fora do padrão socialmente aceitável de mãe, são vítimas de uma reacção social discriminatória e estigmatizante.

2. Quadro Teórico e Conceptual

Neste capítulo é apresentada a teoria e os conceitos usados para ler, analisar e interpretar a realidade espelhada pelos dados obtidos no campo, ou por outra, são as “lentes” que orientam o olhar do pesquisador sobre o fenómeno a ser estudado. A teoria e os conceitos são os instrumentos que fornecem a base da análise e da interpretação dos dados colhidos.

2.1. A Teoria Fenomenológica de Alfred Schutz

A razão da escolha desta teoria, é o facto de ela estar fundamentalmente enraizada na ideia de acção social e percepção subjectiva do mundo da vida, em que os actores sociais interpretam e dão sentido à realidade do mundo em que vivem. Nesse sentido, esta teoria nos permite enxergar a vida social através dos discursos e relatos das mães solteiras sobre aquilo que vivem no seu quotidiano.

A teoria fenomenológica de Schutz aborda a realidade social a partir dos processos cognitivos subjectivos dos actores sociais, onde se busca a interpretação que o actor social constrói acerca da realidade que se apresenta diante dele (Schutz, 1979). Assim sendo, esta teoria permite-nos perceber a forma como as mães solteiras interpretam a vida que levam, e os significados que elas constroem sobre o que vivenciam no seu quotidiano.

A acção social de Max Weber é um dos fundamentos da fenomenologia onde se olha para o significado subjectivo que o actor social atribui à sua acção e a forma como os outros percebem esta acção e dão um significado a ela. Esta atribuição de significados por parte do actor social e dos outros que participam dela são a forma como Weber coloca a interacção social (Schutz, 1979). As mães solteiras são actores sociais, elas agem, e atribuem significados subjectivos à sua acção, e, por sua vez, são percebidas pelos outros, que também atribuem um determinado significado, que em último plano, orientam a conduta das mães solteiras.

Para Schutz (1979) importa estudar os processos através dos quais se constituem as vivências significativas e a relação entre a acção e o sentido. A preocupação deste autor é não somente captar os significados, mas também perceber como é que eles são construídos, como é que os actores sociais elaboram os significados que dão às suas acções, olhando, tanto para o sentido atribuído por aquele que realiza a acção assim como o sentido atribuído por aquele que observa a acção realizada (Crespi, 1997).

Neste sentido, a teoria fornece instrumentos analíticos para procurar o sentido atribuído a mesma acção em diferentes perspectivas dos actores sociais, olhando para a subjectividade de cada actor social, ou seja, não só se olhar para o que as mães solteiras fazem, mas também para os motivos por detrás dessa acção, bem como o sentido que elas atribuem à acção e os significados dessas acções no seu quotidiano.

O agir, na óptica de Schutz, baseia-se na ligação íntima entre a acção e o significado, o que Husserl denominou de intencionalidade. O significado enquanto sentido subjectivo do agir individual encontra-se inacessível à compreensão do outro, mas é socialmente reconhecido pelos outros actores sociais através de uma construção de um sentido objectivo em formas de códigos culturais ou esquemas de tipificação. Estes factos acontecem num mundo de sentido comum para os actores sociais onde decorrem as experiências: o mundo da vida (Crespi, 1997).

O mundo da vida é o espaço onde as mães solteiras participam e desenvolvem acções, partilham saberes, experiências e significados com os outros, formando um conjunto de saberes que constituem o que Schutz (1979) chama de estoque de conhecimento, que é um conjunto de factos vividos e partilhados que formam os conhecimentos que as mães solteiras possuem, ou seja, tudo o que elas sabem sobre a sua existência no mundo da vida, na sociedade.

O quotidiano entra no campo de análise da fenomenologia com Berger e Luckmann (1987), que defendem que a vida quotidiana é uma realidade interpretada pelos homens de modo subjectivo, e que é dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente.

No caso, as mães solteiras interpretam e dão significados subjectivos à realidade que presenciam na vida quotidiana, e o mundo em que elas vivem, é coerente e dotado de sentido, sendo do interesse desta pesquisa, captar o modo como essa situação decorre.

Os homens se inserem no mundo da vida através de uma atitude natural, que consiste numa vigilância constante sobre a vida quotidiana, tomando-a como uma realidade ordenada, que é marcada pela interiorização das normas sociais, e uma atenção constante a tudo o que acontece ao redor (Berger & Luckmann, 1987; Schutz, 1979).

A atitude natural é o processo pelo qual as mães solteiras vigiam e dirigem a atenção para a vida que levam, para as coisas que acontecem no seu quotidiano, de tal forma que, conseguem diferenciar os acontecimentos repetitivos e padronizados daqueles que são

inovadores. Por outro lado, é pela atitude natural que as mudanças são notadas pelas mães solteiras, pois nesse estado de vigilância constante presta-se atenção ao que muda e ao que permanece igual na vida social.

2.2. Definição e operacionalização de conceitos

Nesta etapa, são apresentados e definidos os principais conceitos a serem usados no trabalho. No final da discussão de cada conceito, é feita a sua respectiva operacionalização, que consiste na apresentação dos indicadores que o tornam inteligível (Macamo, 2004).

2.2.1. Identidade social

O conceito de identidade representa características distintivas de uma pessoa ou de um certo grupo, sendo estas características um resultado de um conjunto de interações múltiplas que o indivíduo mantém dentro do seu grupo de inserção, e dependendo da dinâmica das relações sociais criadas, esta identidade pode manter-se ou alterar-se. Assim sendo, identidade social é um constructo social plural elaborado em um contexto de vivências e de relações sociais. A identidade social nos remete-nos à uma multiplicidade de vínculos estabelecidos dentro de um sistema social (Fialho, 2017).

Para Goffman, a identidade social é uma simbiose entre a identidade social virtual e a identidade social real. A identidade social virtual é aquela parte da identidade do actor social em que encontramos as exigências que o grupo social define, e as imposições sobre qual comportamento é aceitável e deve ser adoptado pelo actor social. A identidade social real corresponde ao que os actores sociais demonstram ser, é onde encontramos as capacidades e atitudes que o actor social prova possuir efectivamente (Berlato, 2009; Ferreira, 2013).

A identidade social é o que permite ao indivíduo localizar-se e ser localizado socialmente, no conjunto de vinculações que constituem um dado sistema social. Ela é construída na relação que o indivíduo estabelece com a sociedade. De outro modo, a identidade social é o que permite o reconhecimento social da pessoa. Ela é construída individual e colectivamente (Berlato, 2009).

Para Berlato (2009) não há identidade em si, nem unicamente para si, pois uma identidade sempre existe em relação à alguma outra. Existe uma relação dialéctica entre identidade e alteridade, daí que faz sentido falar da existência de aproximações e discrepâncias entre a identidade social real e a identidade social virtual, sobre as quais Goffman discute. Portanto,

não basta só olhar para a identidade, é importante olhar também para o processo de identificação.

Os conceitos de Fialho (2017) e de Berlatto (2009), complementam-se e são suficientes para a abordagem pretendida neste trabalho porque tomam em conta a multiplicidade de interações sociais, a dinâmica e a dialéctica inerente ao conceito de identidade social e também considera a influência dos outros na construção da identidade social. Estes autores consideram a dimensão individual assim como a dimensão colectiva na construção da identidade social.

Em termos práticos, para o conceito de identidade social são levantados os seguintes indicadores: o que a pessoa assume ser, o que ela pensa sobre si, como ela acha que é vista pelos outros, que interações sociais a pessoa estabelece com os outros, com quem ela se relaciona, o que faz sozinha e com os outros, a sua forma de pensar, elementos que caracterizam a pessoa e a auto-imagem que ela possui dela mesma.

2.2.2. Maternidade

A maternidade refere-se à condição da mulher identificada como mãe, não só no sentido biológico, mas também em termos educativos e afectivos, que definem as responsabilidades e actividades que exprimem o papel social e familiar da mulher. Nem sempre a maternidade passa pela gestação e pelo parto, podendo ocorrer por via da adopção de uma criança (Baliana, 2013).

A maternidade é além do processo de gestação, parto, criação e desenvolvimento de vínculos afectivos com uma criança, uma vivência subjectiva das mulheres, onde elas se criam e se recriam, reconstruindo a sua posição na sociedade. É uma condição em que a mulher lida com novas sensações e comportamentos, sejam eles de liberdade, ou de aprisionamento, no entanto, é importante perceber que ser mãe é um processo diferente para cada mulher, daí que a maternidade é multifacetada e subjectiva. A maternidade vai muito além de uma questão de parentesco, e abrange questões sociais e identitárias (Verza, Schleiniger, Gomes & Strey, 2013).

Combinando os dois conceitos de maternidade acima expostos, é possível chegar à ideia de que a maternidade é uma condição biológica, psicológica, social e cultural das mulheres, ela implica a existência de um filho (seja por via do parto ou de adopção), um conjunto de cuidados e responsabilidades e papéis da mulher para com a criança, existência de um

vínculo afectivo ou de parentesco entre a mãe e a criança, e também um reconhecimento social que é direccionado à mulher que a confere o estatuto social de mãe.

Neste sentido, as **mães solteiras** são aquelas mulheres que exercem a maternidade na ausência ou sem a presença directa do pai da criança. Estas mães assumem os seus papéis de mãe sem estarem numa relação com o pai da criança, ou sem estar numa relação conjugal com outra pessoa. Há aqui uma ligação directa entre a maternidade e o estado civil de solteira.

A monoparentalidade feminina refere-se à condição de mãe solteira, em que a criação dos filhos acontece na ausência física da figura paterna, e a mulher assume o protagonismo dos cuidados para com o filho, ainda que disponha de apoio.

2.2.3. Estigma

As mães solteiras sofrem situações de estigma no seu quotidiano, na sua relação com os outros, e é importante compreender em termos práticos a que se refere o conceito de estigma, e que implicações traz na vida social das mães solteiras.

Segundo Goffman (2004), o estigma é uma reacção social negativa à conduta de um determinado actor social. Ele manifesta-se quando em função da acção de uma determinada pessoa, os outros reagem de forma “hostil”. O estigma consiste essencialmente na atribuição de uma tipificação negativa da conduta de determinada pessoa, por esta não estar de acordo com as expectativas sociais projectadas para tal pessoa.

O estigma compreende 3 tipologias, nomeadamente: (i) o *estigma físico*: aquele que ocorre com base em deformações ou deficiência no aspecto físico da pessoa (cegueira, queimadura na pele, partes do corpo amputadas, cicatrizes); (ii) o *estigma social* ou *tribal*: aquele que se baseia em aspectos ligados à pertença a um determinado grupo ou cultura (etnia, religião, educação, nacionalidade); e (iii) o *estigma comportamental*: que corresponde a situações em que as pessoas são condenadas por conta da sua conduta social (homossexuais, viciados em drogas, mães solteiras).

As mães solteiras enquadram-se na tipologia do estigma comportamental, em que por conta da sua conduta, do estilo de vida e da condição social, são condenadas, por não se enquadrarem nas expectativas socialmente criadas e aceites como válidas ou legítimas sobre a maternidade.

No caso das mães solteiras, o estigma é uma reacção das pessoas, que se verifica pelo facto de as mulheres serem mães sem estar com os seus maridos, sendo que a expectativa social é de que elas desempenhem o papel de mãe junto dos seus maridos. Nesse sentido, ser mãe solteira é uma situação que acarreta a reacção social negativa à qual se chama de estigma.

O conceito de estigma compreende os seguintes indicadores: reacção social, afastamento, isolamento, discriminação, atribuição de adjectivos negativos ou pejorativos e separação.

O que está em jogo na questão do estigma, é a imagem da pessoa em função das expectativas que dela se esperam que sejam cumpridas, e quando isso não acontece, há uma série de mecanismos punitivos que é accionada pelos outros, em jeito de reacção.

2.2.4. Vida quotidiana

A vida quotidiana é o espaço onde os actores sociais negociam dia após dia a sua inserção social através da interacção com os outros. É o lugar onde são observadas as manifestações das actividades humanas, executadas diariamente, as actividades praticadas por um número significativo de pessoas que pertencem a um grupo, de forma regular, no dia-a-dia (Pais, 1986).

O quotidiano, para além de ser o espaço de rotina, de repetição e reprodução, é também um espaço de invenção e de inovação onde acontecimentos como festas, férias, e viagens representam uma ruptura ou uma recusa ao quotidiano, onde o quotidiano é reorganizado e transformado. O quotidiano, é apenas uma das facetas da vida quotidiana e não a sua totalidade (Pais, 1986).

No contexto das relações sociais e da realidade social, Pais (1986) percebe o quotidiano como um elemento que agrega uma dimensão espacial e temporal, constituindo-se como o espaço onde a história da sociedade decorre, onde para a Sociologia da Vida Quotidiana, importam as vivências sociais que decorrem neste tempo e neste espaço, abrindo espaço para a elaboração de análises sociológicas.

A vida quotidiana é um espaço de revelação, ao mesmo tempo, é onde a realidade social é construída pelos actores sociais nos processos de rotinização e de ruptura com a rotina. Nesta categoria social e histórica o desafio é de vigiar constantemente a relação entre aquilo que parece e aquilo que é, pois ambos os casos são constitutivos do tecido social encontrado na vida quotidiana (Pais, 1986; Pais, 2002).

3. Metodologia

Nesta parte do trabalho foram colocadas as questões metodológicas concernentes ao trabalho que se pretende desenvolver. Concretamente, é onde se apresentam os métodos através dos quais as mães solteiras foram localizadas e contactadas, os critérios que foram usados para seleccionar as mães solteiras que participaram desta pesquisa, a forma como foi feita a colecta de dados, e outros assuntos pertinentes que estão relacionados ao trabalho de campo.

3.2. Método de Pesquisa

O trabalho foi conduzido com base no método qualitativo, que segundo Richardson (2008) permite a análise de elementos relacionados com emoções, representações, percepções e significados que pertencem ao mundo das ideias que os indivíduos constroem. Desta forma, torna-se pertinente o uso deste método em detrimento do método quantitativo, porque o foco deste trabalho foi de perceber como ocorre o processo de construção da identidade social das mães solteiras a partir da vida quotidiana. A adopção deste método, embora não tenha permitido a representatividade do universo de estudo, permitiu ter uma compreensão profunda da realidade social no contexto em que ela é estudada.

3.3. Método de Abordagem

Neste trabalho foi usado o método hipotético-dedutivo de Karl Popper, segundo o qual deve-se começar a analisar o conhecimento prévio existente acerca de um fenómeno, e a partir disso desenvolver-se um problema relacionado com esse conhecimento e colocar uma conjectura (nova teoria) ou solução proposta pela tentativa de refutação através da observação e experimentação, e a conclusão a que se chega no fim desse estudo está susceptível de se tornar um problema em pesquisas futuras (Marconi e Lakatos, 2003).

Este método de abordagem mostrou-se útil por ser coerente com a natureza da pesquisa social (qualitativa), que surge de um problema constatado através da revisão de escritos anteriores, e que procura perceber novas formas de interpretar um determinado fenómeno.

3.4. Método de Procedimento

O método monográfico foi criado com o intuito de fazer estudos profundos com um determinado grupo, de modo a tornar as proposições decorrentes de tais estudos, fundamentos

passíveis de serem generalizados para outras populações ou grupos que apresentem características e contextos similares ao grupo estudado (Marconi e Lakatos, 2003).

Este método de procedimento permitiu a colocação dos resultados desta pesquisa como hipóteses aplicáveis ao grosso da população de mães solteiras, onde as conclusões aqui colocadas poderiam ser atribuídas para todas as mães solteiras com as características do grupo participante desta pesquisa.

3.5. Técnica de recolha de dados

Os instrumentos de recolha de dados usados nesta pesquisa foram a entrevista e a história de vida. Estes instrumentos foram usados de forma combinada, com a finalidade de perceber a construção da identidade social das mães solteiras no seu quotidiano a partir de perspectivas diferentes.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, em que uma delas pretende recolher informações acerca de um determinado assunto, com um teor profissional (Marconi e Lakatos, 2003). Na pesquisa qualitativa, o pesquisador não desempenha apenas o papel de ouvinte, ele também emite informações, de acordo com as exigências da situação, assim sendo, as entrevistas não são unilaterais e o contexto em que elas são realizadas influencia a forma como elas são feitas.

Dentre os diversos tipos de entrevista, foi usada a entrevista não estruturada, concretamente a entrevista guiada onde o entrevistador não coloca questões prévias, mas estabelece de antemão um conjunto de tópicos a serem abordados ao longo da entrevista, permitindo que o entrevistado se expresse de maneira mais aberta (Richardson, 2008).

A história de vida é um método que capta os discursos relatados sobre os indivíduos, sobre o seu quotidiano ou até mesmo acções e situações que já ocorreram, e se concentra na descrição da experiência vivida por parte dos membros da pesquisa. A história de vida permite uma reconstrução dos acontecimentos em diferentes tempos e espaços, onde as pessoas visitam suas memórias acerca de determinados acontecimentos (Maccali, Minghini, Walger & Roglio, 2013).

Para este trabalho, a história de vida foi importante porque permitiu perceber melhor a trajetória social das mães solteiras, dessa forma foi possível perceber que passos foram dados até que chegassem a se tornar mães solteiras e que mudanças isso trouxe para as suas

vidas. O uso da história de vida serve para compreender melhor o passado das mães solteiras e a entrevista sobre o presente das mesmas.

3.6. Universo e amostra

O universo de pesquisa, foram todas as mães solteiras residentes na Cidade ou Província de Maputo, todas as mulheres que apresentavam esta característica (ser mãe solteira), eram incluídas na pesquisa. A amostra foi definida por saturação e abarcou 7 mães solteiras no total.

A definição da amostra por saturação é um procedimento da pesquisa qualitativa, em que o investigador analisa as respostas dos entrevistados e procura perceber se novos temas são introduzidos em cada resposta ou se há apenas repetição de tópicos. Quando há repetição dos assuntos, significa que o ponto de saturação foi atingido e que a pesquisa pode ser interrompida (Nascimento *et al*, 2018).

Este critério é usado em pesquisas em que a amostragem probabilística é inviável, servindo para definir um número de participantes da pesquisa que seja baseado num critério objectivo de validação (Nascimento *et al*, 2018).

No caso desta pesquisa, o ponto de saturação manifestou-se a partir do momento em que as respostas de diferentes mães solteiras começaram a apresentar os mesmos tópicos e seguiam o mesmo padrão. Foi a partir deste momento que o número de participantes tinha sido definido, pois não havia introdução de novos elementos ou tópicos nos depoimentos das participantes.

3.7. Técnica e tipo de Amostragem

O trabalho tomou por base o uso da amostra não-probabilística, o que significa que o pesquisador não utilizou cálculos de probabilidade para seleccionar os participantes da pesquisa, mas sim critérios previamente estabelecidos de intencionalidade e especificação do grupo que seria incluído ou excluído da pesquisa. Foi usada a amostragem por bola de neve, onde o pesquisador teve a tarefa de identificar a primeira participante, e com base neste, identificar as demais participantes por via da indicação ou recomendação (Richardson, 2008).

A escolha deste tipo de amostragem, justifica-se pelo facto das mães solteiras não serem identificáveis de forma óbvia num primeiro contacto porque não é possível saber de vista se

uma mulher é mãe, e se for mãe, também é difícil saber se é uma mãe solteira. Assim sendo, optou-se por uma abordagem mais viável, que foi procurar identificar uma mãe solteira que nos pudesse indicar as outras que fossem mães solteiras conhecidas por ela. Admite-se que a amostragem por bola de neve pode ter influenciado no perfil das mães solteiras que participaram desta pesquisa.

3.8. Questões éticas da pesquisa

Na realização do presente trabalho, foram observados aspectos éticos e sanitários, tais como o uso da máscara, a permanência em lugares abertos, o estabelecimento do mínimo de distanciamento tendo o cuidado de não prejudicar as gravações dos depoimentos das participantes.

Antes da realização do trabalho, houve uma conversa de contextualização sobre o trabalho e os seus objectivos, onde foi apresentada a natureza da pesquisa e a respectiva finalidade. A respeito desta parte do trabalho, as participantes questionaram de forma recorrente sobre os ganhos que a pesquisa viria a oferecer. A razão deste tipo de questionamento foi constantemente associada ao facto de as mães solteiras serem pessoas economicamente vulneráveis e necessitarem de apoio.

Em relação à preocupação dos ganhos que a pesquisa poderia oferecer, houve um esforço de explicar que este trabalho apenas permitiria fazer com que a voz das mães solteiras fosse ouvida pelos outros, e que, a esperança era de um dia ser possível que políticas públicas de apoio para este grupo fossem criadas e legisladas.

Para a realização da pesquisa, não houve meios coercitivos para que as participantes aceitassem, tanto é que foi crucial a paciência para ajustar as datas e horas das entrevistas à disponibilidade das participantes. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento das participantes, que foram informadas sobre a confidencialidade dos seus depoimentos e foram informadas sobre a liberdade de se negar a responder uma determinada pergunta, pedir esclarecimentos, ou responder que não sabe uma determinada coisa.

3.9. Constrangimentos na realização da pesquisa

Ao longo da realização do trabalho de campo, foram enfrentados alguns obstáculos e constrangimentos. Foi frequente o adiamento de entrevistas, que tiveram que ser reagendadas diversas vezes. Foi difícil também percorrer grandes distâncias ao encontro das participantes

e não poder realizar a pesquisa, ou ter que remarcar. Por vezes as entrevistas tinham que ser feitas enquanto as participantes realizavam tarefas domésticas, como lavar roupa, cozinhar, entre outras.

Algumas mães solteiras receberam o pedido de participar nesta pesquisa como uma oportunidade de algum dia participar de algum programa de apoio às mães solteiras ou pessoas carenciadas, daí que foi crucial explicar da forma mais clara possível, as limitações da pesquisa e os limites do papel do pesquisador.

Em alguns casos, embora fossem muito raros, as mães solteiras se recusaram a falar sobre determinados assuntos, porque elas ainda se emocionavam quando pensavam nos ex-maridos, e por conta disso, tiveram que evitar falar deles. Neste momento, foi muito importante ter empatia, pois a pesquisa tornou necessário que o pesquisador se colocasse no lugar das participantes e não insistisse em questões emocionalmente sensíveis por mais relevantes que fossem para a pesquisa.

Após a realização das entrevistas, era comum haver uma certa relutância no momento de indicar outras mães solteiras conhecidas por elas por temerem represálias caso as perguntas fossem consideradas muito invasivas. Para superar esse obstáculo, foi dada a informação de que não havia nenhuma obrigação destas mulheres participarem por mais que fossem indicadas e que antes de decidirem participar ou não, elas seriam informadas sobre a natureza e os objectivos da pesquisa.

4. Apresentação, Análise e Interpretação dos dados

Neste capítulo, encontram-se os dados que foram recolhidos ao longo do trabalho de campo que foram submetidos a um processo de análise e interpretação, considerando a teoria escolhida. Este processo compreende as seguintes etapas: (i) apresentação do perfil sócio-demográfico das mães solteiras, (ii) a trajetória da vida conjugal e afectiva das mães solteiras, (iii) processo de vivência da gestação e do parto, (iv) relação das mães solteiras com a família, amigos e vizinhos no quotidiano, (v) as redes sociais de apoio e de solidariedade das mães solteiras, (vi) o quotidiano das mães solteiras: dificuldades e estratégias de superação, e (vii) a construção da identidade social a partir da experiência de maternidade.

4.1. Perfil sócio-demográfico das mães solteiras

As participantes da pesquisa foram mulheres de várias idades, a mais nova com 21 anos de idade e a mais velha com 46 anos. Isso permitiu colher experiências de pessoas mais jovens, assim como com uma idade mais elevada, o que dá a oportunidade de um olhar sobre situações vividas em idades diferentes.

Na questão religiosa, temos as seguintes confissões religiosas: cristã (Igreja Testemunhas de Jeová, Assembleia de Deus – 2 membros, Igreja Ministerial Nações para Cristo, Velha Apostólica – 2 membros) e católica.

As participantes da pesquisa apresentam formação no nível primário, onde há mães solteiras com 4^a, 6^a e 7^a classes; no nível básico são 3 mães solteiras que frequentam a 10^a classe, e no nível médio, uma frequentou e concluiu a 12^a classe.

Em termos de escolaridade, algumas mães encontram-se ainda a estudar, sobretudo as mais novas, no entanto, as mais velhas (46, 37 e 28 anos) não frequentam mais a escola. Os níveis de escolaridade apresentam uma considerável tendência de manterem-se baixos, sendo que 3 que se identificaram com o ensino primário, pararam de estudar, as que se identificaram com o ensino básico continuam com os estudos, e a única que possui o ensino médio concluído também parou de estudar.

Em termos de profissão ou ocupação, as mães solteiras apresentam-se como: promotora de vendas, vendedeira, negociante, 2 cabeleireiras, empregada doméstica, e desempregada.

As profissões exercidas pelas mães solteiras apresentam níveis de rendimento relativamente baixos, pois foi recorrente ouvir depoimentos que falavam de instabilidade financeira. Só que o importante aqui, é perceber que 3 mães solteiras estão envolvidas com actividades que envolvem negócio, e outras 3 na prestação de serviços e há uma mãe solteira desempregada.

A maioria das mães solteiras tem apenas 1 filho e isto acontece com as mães solteiras com idades mais baixas dentre as que foram entrevistadas, mas há uma com 2 e outras com 4 e 5. Em termos de distribuição espacial ou geográfica, as mães solteiras são residentes nos seguintes bairros: Maxaquene A, Ricatla, Malhangalene, Guava e Polana Caniço.

As participantes da pesquisa são mães solteiras residentes em diferentes locais, tanto na Cidade, assim como na Província de Maputo. Algumas interromperam os seus estudos, e as que se encontram a estudar frequentam a 10^a classe. Há mães solteiras desempregadas, assim como há aquelas que são vendedeiras, negociantes, cabeleireiras e domésticas. Foi constatado que algumas mães são chefes do seu agregado familiar, mas há também as que vivem com os seus pais.

4.2. A trajectória da vida conjugal e afectiva das mães solteiras

Neste subcapítulo, pretende-se apresentar os dados referentes à trajectória conjugal e afectiva das mães solteiras, de modo a perceber como é que o relacionamento de namoro, caso tenha existido, resultou no término da relação com o parceiro.

Entender a vida da mãe solteira exige compreender um pouco sobre o seu passado e trajectória, para melhor avaliar a sua situação actual. É com este propósito que a história de vida foi escolhida, pois ela permitiu olhar para o que já foi vivido pelas mães solteiras, os passos que foram dados por elas ao longo da vida, prestando atenção para a componente das mudanças na dinâmica da vida conjugal e afectiva destas mulheres diante da descoberta da gravidez, até o momento em que se tornaram mães solteiras.

4.2.1. *Da gravidez às mudanças na dinâmica conjugal*

A descoberta da gravidez é um marco significativo na vida conjugal e afectiva do casal porque começam a ser notadas mudanças comportamentais, tanto na mulher assim como no homem que por vezes resultam na ruptura do relacionamento. Estas mudanças de comportamento têm sido notadas nos homens através de diversos sinais, tais como: desatenção, desprezo, insultos, injúria, irresponsabilidade, agressão física, agressão verbal,

desrespeito e outros comportamentos, que acabam por ditar o término de uma relação na qual há filhos envolvidos e que acabam por ficar sob tutela da mãe.

Pelo depoimento das mães solteiras, os parceiros mudam de comportamento ao longo do tempo, sobretudo depois do momento em que recebem a notícia da gravidez e costumam ser essas as mudanças que ditam o término do relacionamento conjugal.

Sim, se conhecemos, namoramos, ele vivia em casa do tio (...) a mãe vive lá em Inhambane lá, ele veio cá só para terminar os estudos, depois ia voltar para lá, mas eu não sabia que ele ia voltar para lá. Namoramos, namoramos, depois... se engravidamos, (...) eu lhe disse que não tou bem, tou grávida, ele disse que (...), não sei quê quê, vama tirar, e depois eu neguei e vim contar para minha mãe. Minha mãe diz que não, depois minha mãe... fomos juntos para lá, e o tio disse... aceitaram, mas até data hoje. Só aceitaram, dizerem que sim, não assumem nada, nem sequer alguma coisa que me ajudaram. Ele depois viajou, depois ficamos assim sem se falar, ele já nem ligava para mim. Nem para perguntar como é que eu estou. (E1, 21 anos, Promotora de vendas).

Este depoimento mostra-nos que a vida conjugal e afectiva da mãe solteira mudou quando a gravidez passou a fazer parte do relacionamento, e no processo, a relação foi se dissolvendo, até que a separação aconteceu. Como já foi referido antes, muita das vezes, a mudança é verificada nos homens, que começam a se distanciar ou apresentam comportamentos que impedem a continuidade da relação. Isso está evidente também na seguinte passagem:

Tive a gravidez da minha primeira filha, nos juntamos, a família dele foi até a minha casa pedir, pedir-me pra que eu esteja lá do outro lado com eles (...) acabamos nos separarmos porque ele depois foi se envolver com uma moça, vizinha mesmo, as ruas de Hulene... rua 13 para rua 14, foi... namorar com aquela senhora. E... sempre... eu ainda era criança, e aquela pessoa que estava a namorar com ele, é uma pessoa experiente, já tinha 2 filhos, havia voltado do lar, fez tudo, usou todas as armas para nos separar, onde eu não tinha paz, era porrada de um lado para o outro, nem pelo menos deixar ou sabão para eu pelo menos lavar pra criança não podia, era só porrada só. Acabei me cansando, voltei pra casa, até agora tenho problema da vista que ele mesmo me provocou de tanto me bater, mas estou aqui, nos separamos, voltei pra casa. (E3, 37 anos, Negociante).

Situações que relatam episódios como violência, infidelidade, irresponsabilidade para com a família (mulher e filhos) e falta de cuidados, fizeram com que houvesse separação e isso

aconteceu num contexto em que já havia filhos envolvidos. A separação teve motivos que tornaram a convivência conjugal difícil ou complicada, de tal forma que foi decidido que a melhor decisão a tomar era de seguirem caminhos diferentes. Mais um depoimento pode ilustrar isso:

Ele depois teve, começou a ter muitas amizades, e começou... a ter muitos vícios nem, começou a ter vícios, amizades, então... bem, por mim, em primeiro lugar ele colocava as amizades dele em primeiro lugar, antes de mim, eu sempre quis, tentava conversar com ele, ele não colocava deles, os amigos, os vícios em primeiro lugar então esse é uma das coisas que nos separou. Me fez com que me separasse dele. (E6, 22 anos, Doméstica).

Em algumas situações, a reacção do parceiro foi de negar a gravidez e procurar formas de se distanciar da sua responsabilidade. Esse facto foi mais um dos elementos que mostrou as mudanças no comportamento dos parceiros após a gravidez, onde o medo de ser pai foi uma das reacções relatadas embora tenha havido uma mudança ao longo do tempo.

Ele teve medo de ser pai. Ele não conseguiu lidar com a ideia de ser pai. Tinha medo de aceitar. Quanto... de tanto ter tido medo, ele chegou até a dizer que a criança não era dele, era do amigo que estava- que foi cumprir serviço militar obrigatório, que não estava aqui para responder, mas ele conhece a pessoa que me engravidouuu, teve aquela ladainha por causa... foi medo, ele teve medo, mas depois voltou atrás. (E4, 27 anos, Cabeleireira).

Actualmente, a trajectória da gestação também tem um significado na vida do pai, e se a intenção de ter-se uma gravidez for de ambas partes, o casal poderá partilhar as responsabilidades e cuidados com mais dedicação (Maciel, 2010 apud Liskoski & Jung 2018). Desta forma, pode-se inferir que este comportamento por parte dos parceiros destas mulheres é uma reacção à gravidez e gestação que difere das expectativas delas, considerando que a dinâmica da relação foi alterada pela descoberta da gravidez.

4.2.2. A convivência entre mãe e pai separados, com a criança: conflitos e consensos

Após a ruptura do relacionamento conjugal por conta da gravidez, a relação entre pai, mãe e filhos pode continuar em determinados casos, ou se pode romper. Isso depende da relação entre os pais, pois é um elemento crucial saber se a mãe permite que o pai os veja, ou se o pai se ausenta da vida dos mesmos. Há mães que continuam conversando com os antigos parceiros, e há as que não falam mais com eles, e isso influencia na participação do pai da criança no crescimento e na vida da mesma.

E¹: Não se falamos, só cumprimentamos só. **P²:** Ok. Então o pai da criança não participa no crescimento... **E:** Não. Desde que meus filhos eram crianças, ele não... não deu sustento às crianças. (...) meus filhos têm... um tem 8, o segundo tem 6. Não sabem o que é carinho do pai, não sabem o que é ter com o pai por perto, sempre estão comigo, sempre estão comigo. (E7, 28 anos, Desempregada).

Segundo Oliveira (2014), as mulheres podem optar por se distanciar dos homens quando o relacionamento termina por conta de maus tratos protagonizados pelo marido, ou quando a relação não dá certo, elas costumam levar os filhos e se afastam do pai deles. A experiência das mães solteiras que resulta na separação, seja ela de conflito ou não, é determinante para a relação com os filhos, pois os actores sociais são seres conscientes e activos, que tomam decisões em função da experiência vivida (Schutz, 1979).

Nunca me tratou bem, (...) digo isso porque ele nunca amostrou mesmo, tipo eu sou mulher, ele é meu marido. Vivia me espancando, ofensas, me insultava, me chamava de nomes, já aquilo ali para mim, me doeu nem. (E7, 28 anos, Desempregada).

No depoimento acima, a mãe solteira fala que só se cumprimenta com o pai dos filhos, e também fala da completa ausência do mesmo na vida dos filhos que ambos tiveram, o que mostra um distanciamento da parte do pai em relação à vida dos filhos, e uma atitude de manter as coisas como estão por parte da mãe solteira devido ao passado conflituoso que tiveram.

Só que há também mães solteiras que se dão bem com os pais das suas crianças ainda que estejam separados. Nesse tipo de casos, há uma relação amigável entre ambos e nisso também se nota uma participação notável do pai na vida da criança, conforme o exemplo abaixo:

Somos amigos. P: São amigos, se dão bem. *E:* Sim (...) *Ya, ele me apoia nem, até agora ele me apoia, a parte da filha dele principalmente, ele... epah, cuida.* (E5, 22 anos, Cabeleireira).

Os relacionamentos eram considerados bons, maravilhosos até, antes da gravidez e antes da mudança comportamental dos parceiros destas mulheres. Actualmente, pouquíssimas mães solteiras mantêm contacto com seus antigos parceiros, e muita das vezes, isso vem

¹ E – significa “entrevistada”; serve para indicar a fala da entrevistada. O número na frente do “E” indica a designação (Entrevistada 7).

² P – significa “pesquisador”; serve para indicar a fala do pesquisador.

acompanhado da ausência dos mesmos na vida dos seus filhos, o que faz com que elas criem os filhos sem a participação e presença dos pais, na maior parte.

Pelos seus discursos, percebe-se que foram as circunstâncias que não os permitiram seguir em frente com a relação, por diversos motivos: agressão física, violência verbal, psicológica, abandono da família, distanciamento, traição, má convivência, falta de respeito e de consideração, irresponsabilidade e conflitos de interesses. A tomada de decisão, e as acções destas mães solteiras, são orientadas com base na consciência que elas têm sobre as suas experiências com os seus parceiros, e no significado que isto tem para elas, afectando também na relação que existe entre elas, os antigos parceiros e os filhos (Schutz, 1979).

4.3. O processo de vivência da gestação e do parto

Neste subcapítulo, discute-se sobre a forma como as participantes lidaram com a gravidez, quais foram as principais fases, as pessoas que as ajudaram ou os desafios que foram enfrentados durante a gestação e o parto.

A gravidez apresenta um conjunto de mudanças físicas, psicológicas, emocionais e sociais, que influem nas relações sociais entre a mulher grávida e as pessoas à sua volta. A mãe é a principal envolvida na gestação, sendo ela alvo de um conjunto de formas de tratamento por parte dos outros, e ao mesmo tempo, sujeito e ser autónomo, capaz de tomar decisões e de agir de forma consciente (Save The Children, 2007; Schutz, 1979).

4.3.1. A gravidez como objecto de práticas, lógicas e interpretações sociais

A gravidez apresenta-se como uma fase de mudanças, de descobertas e de redefinição da identidade, principalmente para a mulher, e isso inclui mudanças psicológicas, biológicas, físicas e sociais. Há todo um conjunto de interpretações sociais que são direccionados à mulher em estado de gravidez, que influenciam no comportamento que ela adopta no seu dia-a-dia (Save The Children, 2007).

Bem, quando eu soube que estava grávida, foi uma coisa meio esquisita para mim, porquê? Eu cresci até aos 16 anos, era antes de namorar, eu comecei a namorar com pai do meu filho nem, então, eu não entendia bem o que era uma gravidez, então quando eu engravidei, eu fiquei grávida, demorei muito descobrir, sim, claro, até que porque minha barriga não... não saiu logo, não se, não deu para perceber logo, e... então, eu só acreditei mesmo que eu estava grávida após os 6 meses. Porque eu já percebia as mudanças no meu corpo, essas

coisas, mas quando eu soube que estava grávida, realmente eu fiquei feliz, muito! (risos) porque eu sempre gostei de crianças. (E6, 22 anos, Doméstica).

A participante revelou não ter tido conhecimentos profundos sobre a gravidez, tanto é que precisou de um conjunto de sinais que a convencessem sobre o estado em que se encontrava. Por outro lado, há o lado afectivo, do gosto por crianças que estava em jogo, e que se encontra ligado a algumas das dimensões da gravidez e do modo como ela afecta o comportamento das pessoas.

A gravidez não muda apenas o comportamento da pessoa gestante, as pessoas à sua volta também são influenciadas, e é o caso que aparece no depoimento a seguir. Existe um processo de tomada de decisão, de avaliação das condições físicas e materiais, emocionais e sociais que ditam se as condições são ou não favoráveis para dar continuidade a uma gravidez. Na passagem a seguir mostra-se um jogo social e emocional entre a neta e a gestante que consiste na avaliação dos factores e condições para interromper ou não a gravidez.

Minha avó da parte materna, ela me apoiou desde o primeiro dia que ela soube que eu estou grávida, ela, ela também ficou feliz (...) ela ficou um pouco feliz e ao andar do tempo ela mudou (...) ela até pensou nem, em me ajudar a tirar o meu filho, ela diz que não, tens que tirar, hás-de ter filho no futuro, depois de organizar teu futuro, depois de sei lá, concluir os estudos. Então, eu, com a emoção de ser mãe, eu não aceitei, mas mesmo assim ela me apoiou. (E6, 22 anos, Doméstica).

A gravidez costuma cobrar mais empenho e empreendimento de energias para a mulher do que para o homem, pois é nela (a mulher) que se manifestam as mudanças físicas, biológicas, e ela é que carrega a criança no seu corpo. Desta forma, há um conjunto de alterações até no próprio estilo de vida, no modo de alimentação, nas actividades do dia-a-dia e todos estes campos da vida são influenciados, sem excluir as relações sociais com os outros (Liskoski & Jung, 2018; Save The Children, 2007).

Pelo depoimento de algumas mães solteiras, a vivência da gestação implicou numa mudança brusca de estilo de vida, comportamentos e oportunidades. A mãe ficou muito limitada sobre o que podia fazer, o papel primordial que estava guardado para ela era de cuidar da criança. Consta ainda que esta situação mudou a forma como ela era tratada, ou seja, houve uma

mudança comportamental por parte dos outros para com a entrevistada, condicionada pelo estado de gravidez.

São as mudanças, tipo eu... tinha um estilo de vida, jogava e estudava, e já não tinha a parte desporto, já estava descartado porque eu tinha que treinar, eu já não ia lá, eu já era mãe. Tive cesária, fiquei muito tempo... tive cesária, e tive que continuar com os estudos, na minha casa, graças a Deus quiseram com que eu continuasse mas no meio disso eu tinha que trabalhar também. Eu... trabalhava e estudava, perdi minhas amizades, com tempo, porque as pess-, as minhas amigas já não eram aquelas que eu estava acostumada, tipo aquelas... tive que mudar de amizades também porque minhas amigas ficaram distantes por que já era mãe e elas não [P: ok]. Então... tinha que me adaptar com um novo estilo de vida. (E4, 27 anos, Cabeleireira).

É preciso considerar que a gravidez não é apenas uma situação que proporciona alegria e felicidade, há também transtornos, desgostos e lamentações que podem estar agregados a esta situação. As passagens abaixo ilustram esta posição.

Ih mas, na verdade quando eu quando apanhei grávida, sofri muito, porque é ali que minha avó zangava comigo, totalmente ela não queria saber se eu existo ou não. (E7, 28 anos, Desempregada).

A minha tia nesse caso que é minha mãe, ela não ficou feliz, que até o meu irmão mais velho ele não ficou feliz porque ainda era criança, essas coisas, muito nova para ser mãe, então eles acabaram, só posso dizer que acabaram por... aceitar. (E6, 22 anos, Doméstica).

A notícia da gravidez não foi bem recebida por alguns familiares por conta da idade da gestante. Na óptica da tia, do irmão e da avó, ela precisava crescer mais, organizar-se melhor antes de ter um filho, no entanto, ela acabou por escolher continuar com a gravidez, e nesta parte, pode-se perceber a autonomia que ela teve sobre a tomada de decisão em relação a este assunto, bem como a sua capacidade reflexiva em função da forma como apreendeu a situação vivida (Schutz, 1979).

A gravidez é uma condição física, biológica, social e emocional que molda as relações sociais da mãe solteira com ela mesma e com os outros, há um processo de mudanças ligadas ao estilo de vida e à forma de relacionar-se com os outros. Há parentes que apoiam ou que aconselham a interromper a gravidez, em função das circunstâncias, sobretudo na primeira gravidez e quando a mãe é muito nova. Nesta fase, há momentos de felicidade criados pelo

sentimento de ser mãe, partilha deste momento com o parceiro e com a família, sofrimento, falta de recursos, mudança de estilo de vida e mudança dos tipos de amizade, considerando o início da maternidade.

4.3.2. Gravidez: um mosaico de carência, sofrimento e solidão

A gravidez é um momento conturbado, cheio de desafios e privações, que traz consigo determinadas dificuldades às quais as pessoas lutam para se adaptar. As dificuldades enfrentadas costumam ser de questões económicas, dificuldades para lidar com falta de dinheiro, falta de alimentos para a criança e falta de apoio. Conforme refere o depoimento a seguir.

Foi quando minha mãe viajou, aqui em casa está meu pai, meu pai... era antes de receber, meu filho não tinha descartáveis, nem leite, porque eu também ia à escola. Ih! Tive que ficar 3 dias sem ir à escola, para ficar com bebé, amarrar... amarrar aquelas fraldas tradição... tradicionais. (E1, 21 anos, Promotora de vendas).

Esta passagem revela aquilo que foi considerado uma dificuldade durante o processo de ser mãe, ter que lidar com esse tipo de crise e situações de carência material. Por outro lado, a solidão em tempos em que a criança fica doente, não ter alguém para compartilhar as preocupações, são outra dificuldade mencionada por algumas participantes.

Eu como mãe, o desafio mais, mais, mais complicado, mais difícil, foi... cuidar das crianças sozinha, é algo muito difícil. É muito difícil, sem ter ninguém por perto, para te ajudar, as vezes a criança está doente, você não tem ninguém para compartilhar aquilo...” (E3, 37 anos, Negociante).

Ih, é quando a bebé fica doente, aí é muito, é muito complicado sim, apesar de que eu não estive sozinha nem, estava acompanhada dos meus pais, dos pais dele, mas para mim, eu era, para mim aquilo era muito novo. (E5, 22 anos, Cabeleireira).

Nesta última passagem percebe-se que a doença da criança é um momento conturbado, ainda que haja ajuda para dar assistência e cuidados à criança. O impacto emocional que este momento traz, é encarado com muita delicadeza, e considerado um dos maiores desafios do processo de ser mãe (Scarpellini & Carlos, 2011).

Neste tópico, percebe-se que a forma como se lida com a gravidez não depende apenas da pessoa que se encontra grávida mas também de quem está à sua volta, as condições materiais

de vida, a idade, o preparo físico e emocional, e a opinião dos mais velhos. Estes são factores que contribuem significativamente para o modo como se lida com a gravidez, no entanto, vale ressaltar que a gestante costuma ter a autonomia para tomar a decisão final.

Em termos de ajuda, houve mães que receberam ajuda dos parceiros, dos pais e irmãos, assim como houve quem não teve ajuda nenhuma e fez tudo por conta própria. Em termos de desafios, a solidão é um deles, e cuidar sozinha de uma criança doente foi destacado como um momento delicado e que deixou as mães numa condição de grande preocupação e tristeza.

Durante este tempo, a família, irmãos e amigos foram pessoas que prestaram apoio, assim como as que criticaram, em outros momentos. Ainda sobre os desafios de ser mãe, foram sublinhados os problemas financeiros, o medo da gravidez e de criar a criança sozinha, de estar sem o pai em momentos de doença da criança, ter que abdicar do seu estilo de vida anterior e assumir a maternidade, e ainda conciliar estudos com trabalho e maternidade.

4.4. Relação entre a mãe solteira, família, amigos e vizinhos no seu quotidiano

Neste subcapítulo, pretende-se discutir sobre a forma como as mães solteiras são vistas e tratadas no seu dia-a-dia, nos espaços onde se inserem, e que posturas procuram tomar diante do tratamento que recebem dos outros. Esta é uma parte crucial da identidade das mães solteiras, pois é onde pode ser percebida a interpretação que elas dão ao tratamento que recebem dos outros.

O pressuposto central que guia esta análise, é a ideia de Norbert Elias de que não existe uma identidade do Eu, sem a identidade do Nós (Dubar, 1923), e o nós implica tomar em consideração as pessoas envolvidas na vida social das mães solteiras. Daí que nesta parte, olha-se para a convivência entre as mães solteiras e as outras pessoas no seu quotidiano.

4.4.1. “Ser mãe solteira não é culpa”: a luta pela aceitação social

Ser mãe solteira pode ser visto como uma transgressão moral (Machado, 1998), e os grupos que fazem o controlo sobre as violações e transgressões das normas morais, são entidades como família, amigos e vizinhos, isso nos grupos de interacção mais próximos que as pessoas têm, então é importante perceber que tipo de relação há entre estes grupos e as mães solteiras.

Para Berger (1996) citado por Soares e Carvalho (2003), ser mãe solteira pode ser encarado como transgressão às normas sociais e tradição familiar. Quando isso acontece, a mãe solteira

pode tornar-se alvo de controlo social, que é exercido através da ridicularização, difamação, isolamento ou exclusão social. Pela sua condição, estas mulheres também costumam ter que se envolver com homens casados para sobreviver (Soares & Carvalho, 2003).

Mesmo na vizinhança, uma mãe solteira não é bem vista, não é bem vista, pessoa fala o que bem entende, porque pra outras pessoas, estar assim solteira a pessoa pensa que aquela pessoa se está solteira é porque é aquela vida que ela escolheu, é a vida que ela escolheu. Esquece que, não há quem escolhe ter uma vida amarga, todas nós gostaríamos de estar com os nossos marido, com os nossos filhos, mesmo sítio. (E3, 37 anos, Negociante).

O excerto acima ilustra uma relação entre uma mãe solteira e a vizinhança, que demonstra um tratamento que cria conflitos silenciosos entre ambos. A mãe solteira sente-se indesejada, chega a sentir que leva uma vida de amargura e sustenta que não foi por gostar de viver na condição de mãe solteira que acabou no estado em que se encontra, foram circunstâncias fora do seu controlo.

Esta passagem também permite observar que há uma culpa que é atribuída pelos outros à mãe solteira, como se ela tivesse entrado na situação em que está de propósito. Por outro lado, as mães solteiras sofrem por terem escolhido criar os seus filhos longe dos problemas que os seus parceiros criavam no relacionamento.

As normas sociais recebem um sentido objectivo na sociedade ou no círculo social das mães solteiras, e servem como suporte para a adopção de medidas punitivas, já que estas mulheres são tipificadas como culpadas pela sua condição social e conjugal (Crespi, 1997; Schutz, 1979).

A família, sendo uma mãe solteira nem, eles ficam um pouco distantes, porquê? Por vezes, eu posso estar a necessitar de algo, por exemplo para meu filho, então eles não... não aceitam ajudar-me porque eles dizem assim: não, esse aí tem pai, vai ter com o pai dele. Então a minha família realmente nem todos apoiam nem, maioria deles estão distantes. (E6, 22 anos, Doméstica).

Há lugares onde as mães solteiras sentem que a sua condição de vida foi normalizada e passou a ser aceitável, tanto é que as pessoas não olham para elas como quem julga, mas sim como quem encara aquela situação como algo normal. A participante falou da sua relação com família, amigos e vizinhos da seguinte forma:

Muito boa nem? Eu acho que aqui na zon-, aqui no bairro nem, acho que isso já é normal, para nós é normal, apesar que o quê. Eu acho que nos tempos dos nossos pais, eu acho que aquilo não era normal, mas agora, eu acho que aquilo é normal. (E5, 22 anos, Cabeleireira).

Aqui, é possível notar que há um clima de normalidade percebido pela entrevistada e que ela entende ser o motivo pelo qual a relação entre ela e os demais ser saudável, o que leva a pensar que a tolerância ou normalização da convivência com as mães solteiras foi aumentando e actualmente há uma relação saudável entre as mães solteiras, amigos e vizinhos.

Com vizinhos é assim: alguns admiram tipo ya, ela é uma mãe solteira, mas acima de tudo ela sabe dar valor, sabe batalhar para poder cuidar de si e do seu filho, então no meu ponto de vista, acho nem, que os meus vizinhos, os meus vizinhos me apoiam um pouco, me ajudam um pouco, nesse caso de ser mãe solteira. (E6, 22 anos, Doméstica).

Uma conduta apreciada pelos vizinhos, que demonstra que a mãe solteira se esforça pelo seu bem-estar e da sua família ou do seu filho, cria um impacto positivo na convivência entre ambos, como pode ser observado na passagem acima. A mãe solteira precisa passar uma boa imagem para que seja reconhecida e aceite pelos outros.

4.4.2. A negociação da reputação por parte das mães solteiras

A postura que as mães solteiras procuram adoptar diante da família, amigos e vizinhos mostra que elas se esforçam para ter uma imagem limpa, procurando não se envolver em situações que possam prejudicar a imagem delas. As mães solteiras, por serem mal vistas na sociedade, procuram formas de mudar a forma como os outros olham para elas (Machado, 1998), e é sobre este tópico que esta etapa discute.

Eu me comporto muito bem, e não procuro demonstrar que ser uma mãe solteira é fim do mundo, não. Ser uma mãe solteira não é o fim do mundo, bem, porque não procuro demonstrar ou fazer ver às pessoas que passo dificuldades ou sofro isto porque sou mãe solteira, não, eu procuro dar, mostrar todo o respeito que tenho por mim, e porque até, até porque eu não escolhi ser mãe solteira nem, então eu não procuro mostrar nem... sei lá, fazer ver às pessoas que ser mãe solteira é fim do mundo. Eu faço de tudo até posso dizer que faço o impossível nem, para dar o melhor de mim, sim. (E6, 22 anos, Doméstica).

Uma menina comportada. Aquela que não é vista como, por exemplo como uma malcriada, uma desobediente, sim, ya, procuro ser uma boa pessoa. (E5, 22 anos, Cabeleireira).

Costumo mostrar que ser mãe solteira não quer dizer que não sou capaz. (E4, 27 anos, Cabeleireira).

As mães solteiras são bem tratadas em lugares onde ser mãe solteira é encarado como normal, e onde o preconceito sobre elas vai se desfazendo. Nos locais onde as normas são mais rígidas e as pessoas são mais intolerantes, as mães solteiras são tratadas como desviantes, como culpadas da sua situação de vida.

Esta visão positiva da vida e o comportamento que procuram adotar diante dos outros, uma postura de mulher bem comportada, forte, trabalhadora e capaz, são estratégias desenvolvidas para se inserirem no seu grupo de pertença, e uma forma de contornar a discriminação (Crespi, 1997). O que acontece é que elas procuram levar uma vida aceitável aos padrões estabelecidos na sua relação com os outros, e nas suas atitudes ela procura provar a sua integridade e procura negociar a sua boa imagem (Goffman, 2004).

A relação entre as mães solteiras, amigos e vizinhos varia de pessoa para pessoa. Por vezes ela é boa e as mães solteiras recebem apoio moral e motivação destas pessoas para seguir em frente, isso cria uma boa relação entre eles. Mas a relação também pode ser conflituosa, envolvendo situações de discriminação, preconceito, falta de respeito e exclusão social, criando desconforto para as mães solteiras.

4.5. As redes sociais de apoio e solidariedade das mães solteiras

As mães solteiras são um grupo social considerado vulnerável, e por conta disso, a sua rede social de apoio e de inter-ajuda é considerada um elemento importante para a sua sobrevivência e subsistência. As mães solteiras criam redes de apoio através das quais obtêm ajuda diante das suas dificuldades (Almeida, 2007; Marin, 2005).

Neste subcapítulo, pretende-se saber sobre como se apresenta a rede social de apoio das mães solteiras caso exista, quem são as pessoas que a compõem, e, que tipo de ajuda costumam prestar, em que tipo de situações as mães solteiras recorrem a estas redes sociais de apoio para obter ajuda, e como é que isso se processa.

4.5.1. O apoio financeiro, moral e emocional prestado pela família, vizinhos e amigos

A rede de apoio e solidariedade é uma questão crucial para as mães solteiras e para outros grupos que se encontram em condição social e económica desfavorável (Almeida, 2007; Marin, 2005). Neste sentido, as mães solteiras são tomadas como um grupo social desfavorecido e pretende-se perceber a quem recorrem quando passam por dificuldades.

Ela procurou trabalho para mim, ela... procurou... minha mãe as vezes viaja, procurou alguém para ficar com o meu filho. (E1, 21 anos, Promotora de vendas).

Quando passo dificuldades financeiros, costumam me ajudar, e por vezes quando preciso de, de alguém para, para conversar, quando estou um pouco magoada nem, um pouco triste, sim, tenho meu irmão mais novo e minha vizinha, para me dar ouvidos, e me apoiarem. (E6, 22 anos, Doméstica).

Eu tenho amigos que quando eu estou a passar por dificuldades, eles sempre estão ali para me dizer que vai dar tudo certo. Para me mostrar que ser mãe não foi um pecado, tipo o ter sido mãe cedo, ser mãe solteira, não é... não é o fim. Deus tem um propósito. (E4, 27 anos, Cabeleireira).

Nos depoimentos acima, é possível perceber que a família, os amigos e os vizinhos desempenham um papel crucial quando as mães solteiras passam por dificuldades. É a eles que as mães solteiras recorrem quando precisam de ajuda. E nem sempre essa ajuda é sobre dinheiro, por vezes elas procuram simplesmente alguém que as ouça, que dê atenção e que esteja ali para ouvir os problemas que as afligem e para dar palavra de encorajamento.

Por vezes, membros exteriores, como os vizinhos, prestam apoio social e solidariedade de tal forma que chegam a ocupar o lugar de família, ajudando mais que aquelas pessoas que compartilham laços de consanguinidade (Carnut & Faquim, 2014). Nestes casos, as mães solteiras encontram a família que elas não têm em casa em outras pessoas.

Essa senhora daqui, me ajuda muitas vezes, muita coisa mesmo, do que minhas próprias tias (...). Essa senhora daqui me ajuda muito, é fome, é sabão, é o quê, ela diz quando você não tem, não tenha medo, venha ter comigo, é pouco, é muito, vamos se dividir ali mesmo. Aqui eu ganho coragem de conviver mais com ela do que minhas próprias tias (...) ela parece minha mãe (...) ou minha avó, uma coisa assim. (E7, 28 anos, Desempregada).

É importante destacar que a família e a rede de apoio, não são apenas para apoiar e incentivar, mas também desempenham um papel educativo e de aconselhamento quando se torna necessário. Tal situação pode ser observada no discurso abaixo:

Ela sentou comigo no chão, epah, filha, agora você já sabe que tem 2 filhos, não quero ver mais o 3º filho. (E7, 28 anos, Desempregada).

Nesta situação acima apresentada, a mãe solteira em questão já tinha 2 filhos, e a sua avó, que a tratava como filha, chamou-a atenção sobre a necessidade dela guardar-se de modo a evitar um 3º filho na condição de mãe solteira. Isso mostra que a família e as redes de apoio também desempenham o papel de exercer o controlo social, caso seja necessário.

As redes de apoio e de solidariedade das mães solteiras têm se mostrado ser muito restritas e não se estendem para muito além da ajuda em situações como ter alguém para conversar, partilhar dificuldades, problemas e inquietações, receber apoio moral, receber ajuda em comida e produtos de limpeza.

Nestas redes encontramos a família, os amigos e os vizinhos como as pessoas que costumam estar por perto e disponíveis para ajudar, seja financeiramente, para ouvir as mães solteiras, para aconselhar, para educar, até mesmo para criticar. Estas são também as pessoas que exercem o controlo social sobre estas mulheres.

No entanto, há mães solteiras que não recebem apoio algum quando passam por dificuldades e acabam por enfrentar sozinhas as dificuldades da vida, sem ter com quem contar. É importante para as mães solteiras receber apoio, pois quando não recebem, a vida delas torna-se extremamente solitária.

4.6. O quotidiano das mães solteiras: dificuldades e estratégias de superação

O quotidiano é um espaço onde ocorrem as interações sociais, é onde as mães solteiras constroem as suas experiências, onde assimilam os valores da convivência social e fazem escolhas sobre a sua vida. A maternidade monoparental enquanto condição social e económica desfavorável tem se apresentado como o principal elemento de estabelecimento de relações sociais e que influencia a forma como as mães solteiras apreendem subjectivamente a realidade na qual vivem (Schutz, 1979).

Neste subcapítulo, pretende-se explorar a parte dos desafios e constrangimentos que as mães solteiras enfrentam no seu dia-a-dia, bem como as estratégias que usam para superar tais desafios.

4.6.1. A resiliência e auto-afirmação das mães solteiras nas dificuldades no cotidiano

Para Machado (1998), as mães solteiras passam por grandes desafios por pertencerem a um grupo social de renda baixa, o que intensifica a discriminação e exclusão social que recai sobre elas, e acabam por se tornar uma camada social cada vez mais vulnerável.

As mães solteiras muitas vezes se encontram numa situação em que precisam envidar vários esforços em prol do seu bem-estar e dos seus filhos. Este processo, mais do que uma luta pela superação de dificuldades, é um processo de reinvenção da identidade das mães solteiras.

Tinha que estudar, trabalhar, e cuidar de uma criança, e só era eu que iria cuidar daquela criança, não tinha um pai também que podia me dizer vai dar tudo certo, porque quando diz-se mãe solteira, e porque aquela posição de pai, também tens que ocupar, em algum momento. (...) uma vez que minha filha teve um acidente, na qual eu perdi cabeça, tipo eu fiquei... eu fiquei tipo sem saber o que fazer nessa situação, e eu deixei meu orgulho de trás, mesmo assim, me pus em baixo e tentei buscar aquela parte [do] pai, ali... liguei pra ele tipo para informar sobre o acidente. Ali, só lhe... porque de tanto termos falado daquilo ali ele disse: “fala com minha namorada”, hooouuu, “fala com minha namorada, ela vai ver” (...) dali é que me tornei mãe, eu tive que levantar minha cabeça, e já saber que ali, já não tem mais o outro lado, ali sou eu só! Que tenho que estar ali, a enfrentar a situação. (E4, 27 anos, Cabeleireira).

Nesta passagem, nota-se que um dos desafios enfrentados pelas mães solteiras é a solidão, ter que atravessar momentos difíceis sem apoio, ter que lidar com situações delicadas sozinha, sem ter com quem contar. Isso por um lado foi considerado uma experiência chocante, mas serviu também para fortalecer a entrevistada.

Aquilo ali é que me tornou mãe, eu ali naquele dia ali, acho que naquele dia ali é que eu me tornei mãe porque depois dali, se eu te disser que não precisei mais, tipo eu já sabia que eu poderia conseguir, porque eu já... eu lutava dia e noite para que não faltasse aquilo, não faltasse aquilo, assim que Deus acabou me abençoando. (E4, 27 anos, Cabeleireira).

A situação de choque pela qual passou, serviu também para fortalecer a sua convicção de que era capaz de ser mãe e pai ao mesmo tempo, e não precisar de depender da disponibilidade e do apoio do pai da criança em horas difíceis, tanto que após essa experiência do acidente, passou a cuidar das coisas sozinha.

Não tenho o que é meu, sou uma menina solteira, não tenho emprego, não estou a fazer nada, os meus filhos querem comer, querem vestir, querem ficar limpos, querem ficar limpos, já aquilo também está na mão dos meus filhos, eu aquilo, me dói, parece que eu estou a fugir dos meus filhos enquanto que não (...) precisam de muita coisa, e eu não tenho como dar, não faço nada. (E7, 28 anos, Desempregada).

Não poder proporcionar o mínimo de condições básicas aos filhos foi um dos desafios partilhados por uma mãe solteira que expressou o quão dura foi esta situação para ela e o quão difícil tem sido para ela lidar com tudo isso e há uma pressão sobre ela, com a qual não consegue lidar, sobretudo por não conseguir arranjar emprego.

A sensação de incapacidade, aliada à pertença a uma camada social desfavorecida, são alguns dos desafios do quotidiano que constituem o processo de afirmação da identidade (Goffman, 2004) das mães solteiras e ao mesmo tempo exigem empreendimento de esforços, no sentido de superar essas dificuldades, o que acaba colocando as mães solteiras num processo de resiliência constante.

Algumas moças costumam olhar para mim, poxa, ela trabalha como doméstica para poder ganhar a vida porque engravidou cedo. Estão a falar essas coisas, por vezes eu a ouvir nem, mas... eu não dou conta nessas coisas porque eu não escolhi engravidar cedo, eu não pedi para que Deus me desse essa criança muito cedo. (E6, 22 anos, Doméstica).

Outro desafio é o de ter que lidar com os comentários que são feitos sobre a vida que ela leva, as palavras que os outros proferem com intenção de ferir, ofender, ou fazer sentir magoada, conforme constataram Soares e Carvalho (2003), que estas atitudes são meios de controlo social aplicados pelas pessoas sobre a mãe solteira. Estas atitudes em relação à mãe solteira são adoptadas pelo facto de haver uma condenação moral por um lado, e por ela estar numa condição de vulnerabilidade económica.

Ter que trabalhar, dar todo o melhor para meu filho, e fazer com que ele não se sinta distante, ele não se sinta inferior dos outros, das outras crianças, que... esses que convivem

com os pais juntos (...) para que ele se sinta junto, melhor, igual a todas as crianças, sim, então faço, dou meu melhor para ele. (E6, 22 anos, Doméstica).

No caso desta mãe solteira, um dos desafios que ela tem enfrentado, é de fazer com que o filho não se sinta inferior em relação aos demais por ser filho de uma mãe solteira, daí que ela trabalha e dá o seu melhor para criar condições de fazer o filho se sentir igual aos demais.

A vida quotidiana apresenta-se como uma esfera, constituída por diversos espaços sociais: casa, comunidade, local de trabalho, nos quais as mães solteiras se inserem e participam. A inserção na vida quotidiana significa que toma-se em conta todos os espaços possíveis em que as mães solteiras se envolvem, e é nesta esfera onde a identidade social é construída pelas mães solteiras e percebida pelos outros.

4.6.2. A mãe solteira como aquela que não consegue “segurar o homem”

A condição de mãe solteira não impede que as mulheres sintam vontade de iniciar novos relacionamentos com novos parceiros. Entretanto, existem barreiras que interferem na forma como o relacionamento é conduzido, sobretudo da parte dos familiares do seu parceiro. Coloca-se em causa a sua capacidade de assegurar o lar e de “segurar o homem”.

Quando se trata de iniciar um relacionamento, ser mãe solteira é um elemento que joga contra as mulheres porque este facto resulta em diversos questionamentos e atitudes discriminatórias que acabam por constituir um constrangimento para a mãe solteira.

Eu ainda sou jovem, tipo gostaria também de... de me, me casar no futuro, mas sempre que eu entro numa família, sempre que... eu já sou mãe, tipo tem... tem aquela parte do “ela e mãe, ela tem uma filha, e você não, como é que vai ser?” (E4, 27 anos, Cabeleireira).

Então quando já ficaram a par de que eu era mãe solteira houve aquela discriminação, que até chegaram em falar de cara tipo se eu não consegui segurar o primeiro homem, será que vou conseguir segurar aquele? (E4, 27 anos, Cabeleireira).

A continuidade da relação conjugal é aqui deixada sob tutela da mulher, que recebe o papel de “segurar o homem” para que o relacionamento se mantenha após a gravidez. Quando a mulher não permanece com o seu parceiro, ela é vista como incapaz de manter relacionamentos futuros, e neste processo, são ignoradas as causas que levaram à separação e ao término da relação anterior.

As mães solteiras se deparam com diversos desafios e enfrentam cada um deles como podem, desde a discriminação, os comentários maliciosos, o desencorajamento, a falta de capacidade de auto-sustento, a solidão, ter que lidar com situações delicadas sem apoio de ninguém, são alguns dentre os vários obstáculos enfrentados pelas mães solteiras. Estes desafios, por vezes se apresentam em jeito de situações constrangedoras, que não são agradáveis de se viver.

Os desafios que as mães solteiras enfrentam no quotidiano, são vários, e muitos deles estão ligados ao fraco poder económico que elas possuem, o que condiciona a forma como vivem, e limita os cuidados que podem proporcionar aos seus filhos. Outras dificuldades estão ligadas à convivência com as pessoas, solidão, conciliar as actividades da sua rotina com a maternidade, entre outros.

Em termos de constrangimentos, as mães solteiras falam de episódios de discriminação, dificuldades em ser aceites nas famílias dos novos parceiros que procuram arranjar, pelo facto de já terem filhos. Por vezes, é colocada em causa a sua capacidade de “segurar o homem”. Muita das vezes elas são culpabilizadas pelos outros por causa da condição em que vivem, entretanto, relatam ser difícil viver sendo tratadas desta forma.

4.7. A construção da identidade social a partir da experiência de maternidade

O processo de construção da identidade não se apresenta como um processo consciente e intencional, ele é um produto das interações, que fazem com que as pessoas escolham quais comportamentos adoptar naquela situação, ou seja, a construção da identidade social também ocorre em função da situação (Hall, 2006). As mães solteiras procuram ter uma postura que as permita melhorar a sua vida ou sair da sua condição desprestigiada, e para tal adoptam comportamentos que elas acreditam ser socialmente aceitáveis de forma a evitar conflitos.

Neste subcapítulo, são apresentadas e discutidas as questões sobre a construção da identidade social das mães solteiras no quotidiano a partir da experiência subjectiva da maternidade, sendo mãe solteira, a forma como estas mulheres olham para a vida que levam, as lições que elas tiram da vida que levam, olhando mais para a questão de com projectam a identidade social de uma mãe solteira.

4.7.1. *Ser mãe solteira significa “ser pai e mãe ao mesmo tempo”*

Nesta etapa explora-se com mais atenção a questão da identidade social das mães solteiras enquanto uma articulação dos significados subjectivos que atribuem à vida que levam e o que

elas pensam sobre a experiência de viver como uma mãe solteira e que implicações práticas que isso traz no seu cotidiano (Crespi, 1997; Schutz, 1979).

Ser mãe solteira é interpretado como uma duplicidade de responsabilidades, onde o papel de mulher e de homem são desempenhados simultaneamente, e para além disso, a mulher acaba por se ver numa situação em que assume papéis que entende que são masculinos, tendo que ser mãe e pai, garantindo que o seu filho não sinta a falta de um dos seus progenitores.

Não [é] tão fácil ser pai, ser mãe ao mesmo tempo, é difícil, muito até. Até outras... outras moças se não tiverem ajuda dos pais, outros acabam se prostituindo, fazendo coisas que não vão de acordo com a lei, porque é muito difícil. As vezes criança fica doente, você... você também é criança, não vai saber o que está a sentir, aí... é difícil, muito. Você tem que estar ali, é doença... qualquer coisa, você é mãe ali mesmo. (E1, 21 anos, Promotora de vendas).

Eu tive que levantar minha cabeça, e já saber que ali, já não tem mais o outro lado, ali sou eu só! Que tenho que estar ali, a enfrentar a situação. (E4, 27 anos, Cabeleireira).

Os depoimentos das mães solteiras mostram que ser mãe e pai, deixa de ser visto como uma tarefa complementar em que são divididas as responsabilidades e tarefas, passando a ser uma tarefa de uma só pessoa. Para as participantes, ser mãe solteira significa ser capaz de adoptar esse comportamento e seguir em frente sozinha.

É uma situação que obriga uma dupla jornada porque a mãe solteira precisa encontrar mecanismos que a permitam lidar com a ausência do pai da criança e fechar essa lacuna. Essa situação é muito mais reforçada quando a comunicação entre a mãe solteira e o pai da criança é fraca ou inexistente, ela acaba assumindo todos os papéis possíveis relacionados com os cuidados a prestar à criança.

4.7.2. Ser mãe solteira é demonstrar força e capacidade, é ser imparável

A construção da identidade social das mães solteiras é um processo complexo, contínuo e situacional, no qual as mães solteiras tomam determinadas atitudes considerando as circunstâncias e os propósitos a serem atingidos. No caso das mães solteiras, estes propósitos, muita das vezes tem sido de conseguir emancipação económica, obter apoio social e moral, conseguir ter a aprovação dos outros sobre o seu comportamento e garantir que consigam dar o seu melhor para cuidar dos seus filhos.

No caso a seguir, pode ser observado que há uma contradição sobre o sentimento em relação ao processo de ser mãe solteira. Por um lado é uma bênção poder ser mãe, mas por outro, um enorme desafio, que traz muitas dificuldades, mas no fim, o que motiva a mãe solteira é lutar pelos seus filhos.

Epah! (...) é uma bênção porque é um desafio muito grande, é um desafio muito grande mesmo (...) Te-tenho visto muitas mães que desistem, abandonam os filhos, por serem mães solteiras, outras mães até... dão à luz, deitam bebés por ver que epah! Eu estou sozinha, eu não posso cuidar dessa criança, não tenho condições, mas eu agradeço a Deus porque com tudo isso, eu não tenho marido mas agradeço a Deus porque Deus me deu essas crianças, que me fazem, sorrir todos os dias. As vezes eu acordo sem forças, mas de repente, entra este 'mãe, bom dia, mãe isto', eu acabo ganhando força pra seguir em frente. Acho que se não fosse por eles eu te-, não estaria mais aqui (...) as vezes me acontece coisas que olho pra mim, eu me vejo lá no fundo mesmo do poço, mas ao mesmo tempo eu peço a Deus, 'Deus me dê forças pra seguir em frente, meus filhos, meus filhos!' (E3, 37 anos, Negociante).

Ser uma mãe solteira ih ya... não é um peso, é, é um dos apelidos que mesmo não conseguirmos enxergar bem, nos torna fortes, nos faz sentir que a mulher é capaz. (E4, 27 anos, Cabeleireira).

Sim, um desafio para uma mulher, é um desafio muito grande, para uma mulher, uma prova de poder demonstrar que ser mãe solteira não é fácil, mas podes dar [a volta] por cima, tudo. (E6, 22 anos, Doméstica).

Ser mãe solteira é uma condição que faz com que a mulher se torne mais forte a aprenda a despertar as suas capacidades, pois ela está ciente de que para tudo acontecer depende dela e por conta disso, esforçar-se é inevitável. Este processo, produz uma identidade social em que as mães solteiras procuram demonstrar a sua força e capacidade, onde apesar do enorme desafio que se coloca sobre elas, acreditam que são capazes de encontrar formas de sobressair diante dessa situação.

A construção da identidade social das mães solteiras passa por um processo de auto-afirmação, demonstração de força, mas não apenas perante os outros, mas para ela mesma, de modo que se sinta preparada para os obstáculos da vida e do quotidiano, visto que o agir se baseia na ligação entre acção e significado (Berger & Luckmann, 1987; Schutz, 1979).

As mães destacam que aprenderam que devem trabalhar para ter o que comer, o que vestir, o que dar aos filhos e que o trabalho é a única forma de poder sustentar as suas necessidades, que as mães solteiras precisam ser fortes, ser capazes de perseguir seus sonhos e metas, que ser mãe solteira não é o fim do mundo e que devem aprender a ter cuidado com os homens.

Aprendi que ser mãe solteira não é o fim do mundo nem, ser mãe solteira, devo batalhar, dar o melhor de mim, e continuar levando a vida normalmente. (E6, 22 anos, Doméstica).

Nunca tive problema porque como sou solteira... andar a fazer coisa que não dá porque sou solteira... não. Eu é que trabalhava, para a pessoa não conseguir ver que eu não tenho, porque não tenho alguém. Eu sempre luto, trabalhar para a pessoa olhar para trás e me ver que estou a viver. (E2, 46 anos, Vendedeira).

Ser mãe solteira é uma condição de vida que exige adaptação, e ensina as mulheres a descobrirem-se, a se reinventar, a encarar a vida normalmente e estar ciente sobre os desafios que ela proporciona, e em função disso, fazer o melhor possível, procurar dar tudo de si para viver a vida da forma que gostaria. Ser mãe solteira, ainda que seja um desafio e algo muito difícil, não deve desmotivar a pessoa, porque não significa que aquela pessoa está numa situação de condenação ao sofrimento.

Diante das situações da vida que enfrentam, as mães solteiras apreendem a realidade e a interpretam. Em função disso, tomam decisões que orientam as suas acções, de forma consciente e coerente, tendo em conta as condições de vida nas quais se encontram e as diversas facetas da vida (Crespi, 1997; Schutz, 1979).

4.7.3. Ser mãe solteira é ser devota ao filho e abdicar dos seus prazeres

As mães solteiras costumam ter que abdicar de certas práticas com o intuito de se dedicar integralmente a cuidar dos seus filhos. Isso resulta num isolamento em que a mãe solteira define a sua rotina e espaços de participação, considerando o papel de cuidar dos filhos como um elemento central da sua vida social. O discurso a seguir é uma ilustração disso:

Escapei por muita coisa porque eu não tive aquilo de fazer e desfazer porque eu sou mãe solteira, porque eu sempre tinha que olhar para os meus filhos, eu não podia sair pra discoteca porque meu filho vai ficar com quem? Não podia sair pra não sei aonde porque meu filho vai ficar com quem? Tinha que estar sempre presente. (E3, 37 anos, Negociante).

Assumir a identidade de mãe solteira, significa que ser capaz de colocar o filho como prioridade em detrimento das demais coisas. Esta maternidade produz uma identidade que consiste na devoção em relação aos cuidados para com o filho, e se constitui como um sacrifício que a mãe solteira faz em nome do bem-estar do seu filho.

Nossos pais tentaram, até queriam nos juntar tipo casamento prematuro nem? Mas... eu tinha que continuar com os estudos, para pelo menos completar o ensino médio, então depois houve aquelas desavenças de termos que nos separar, e eu tinha que seguir também. A criança tinha que estar já sob a minha responsabilidade, ele teve uma oportunidade de continuar com os estudos e eu não, eu tive que parar para trabalhar, já... porque já era mãe. (E4, 27 anos, Cabeleireira).

Na passagem acima, é possível perceber que existem diferenças em termos de responsabilização pelos cuidados com a criança entre os homens e mulheres. A mãe solteira teve que interromper forçosamente os estudos para dedicar-se à maternidade, enquanto o seu parceiro continuou livremente a estudar. Ser mãe resultou numa vida orientada para a tarefa de cuidar da criança enquanto principal actividade dela.

Ser mãe solteira significa coisas diferentes para cada uma das mães, no entanto a maior parte do que relataram é semelhante. Ser mãe solteira significa ter capacidade de ser mãe e pai ao mesmo tempo, estar em condições de responder às dificuldades da vida sem precisar do suporte do parceiro ou pai da criança. Ao ser mãe solteira, é comum, embora seja difícil, ter que cuidar da criança doente, estando sozinha, sendo esta uma situação muito delicada pela forma como elas relataram.

Há mães solteiras que estão nessa condição há 2 anos, outras há 4 anos, outras há 8 anos e outras há 19 anos. Neste tempo, o que aprenderam como mães solteiras, é que elas não são incapazes, elas têm forças para enfrentar os obstáculos da vida, com fé e determinação, podem atingir as suas metas e realizar os seus sonhos. Ser mãe solteira é um grande desafio e um aprendizado, uma experiência que traz à tona a força e a capacidade da mulher.

As mães solteiras aprenderam a se reinventar, a fazer de tudo para superar as dificuldades com que se deparavam ao longo da vida. Ser mãe solteira, é viver lutando pelo que quer e pelo que precisa, ser tudo para o seu filho, procurar sempre lutar para que a vida da criança seja a melhor possível.

A identidade não é uma unidade, mas sim uma pluralidade. Também não é um estado permanente, mas sim uma mudança constante. Isso nos permite ter um olhar mais orientado para uma identidade social fluida (Hall, 2006), em que as mães solteiras aparecem como resultados de escolhas que elas fazem em diferentes situações da vida e espaços sociais do quotidiano.

Para Dubar (1923) a identidade é o processo através do qual nos diferenciamos dos outros, e também o processo através do qual estabelecemos uma pertença comum. Neste trabalho foi possível perceber esta situação na medida em que as mães solteiras ao mesmo tempo que se sentem diferentes devido à carência material e solidão, se consideram membros da sociedade, parte integrante da mesma, e agem em função dos valores que orientam a sua convivência com os outros, procurando fazer parte da colectividade.

As identidades sociais que as mães solteiras constroem no seu quotidiano, nos espaços em que se inserem, através das suas experiências em relação à maternidade, não são “obras acabadas”, e não podem ser tomadas como um dado absoluto. É importante olhar para a identidade social como um processo, uma construção. O quotidiano, torna-se assim, o espaço de criação e recriação da identidade social da mãe solteira.

Neste processo de construção da identidade social, as mães solteiras buscam por uma emancipação económica, independência da ajuda do pai da criança, aceitação social, e superação dos desafios e obstáculos que enfrentam no dia-a-dia, auto-afirmação, demonstração de força e reinvenção permanente da identidade em função das circunstâncias. Para Hall (2006), a construção da identidade é como um “jogo”, no qual as pessoas buscam atingir determinados objectivos, e para tal, vão construindo uma identidade que as permita atingir esse determinado fim.

A construção da identidade social é um processo situacional, ele vai decorrendo com o tempo e em diferentes espaços (Berger & Luckmann, 1987; Crespi, 1997; Schutz, 1979) em que as mães solteiras participam. As mães solteiras demonstraram que procuram dar sempre o seu melhor nas suas actividades, daí que não é possível falar da mãe solteira como uma identidade fixa e identificável em todas e quaisquer sociedades ou grupos.

Ainda que não seja possível homogeneizar a identidade social das mães solteiras na vida quotidiana, é possível destacar elementos comuns entre elas, que são incontornáveis, a saber: (i) baixos níveis de escolarização ou abandono escolar; (ii) instabilidade económica; (iii)

demonstração de carinho, afecto e preocupação com os filhos; (iv) fraca presença do pai na vida dos filhos; e (v) todas vêm no trabalho e na fé em Deus uma forma de melhorar a condição de vida e satisfazer as suas necessidades.

Mesmo tendo estes elementos em comum, importa salientar que as mães solteiras possuem estratégias diferentes para lidar com esta situação, pois elas assimilam de forma diferente as condições em que vivem e possuem possibilidades diferentes em termos de leque de escolhas. Cada uma das mães solteiras toma as suas decisões de forma subjectiva, tendo como base a interpretação subjectiva que ela faz sobre a realidade social do seu quotidiano no mundo da vida.

5. Conclusão

A realização deste trabalho foi motivada pelo interesse em compreender o processo de construção da identidade social das mães solteiras a partir da vida quotidiana em Maputo. O trabalho foi elaborado com o intuito de produzir conhecimentos mais aprofundados sobre o fenómeno em estudo, ou seja, estudar melhor sobre a vida que as mães solteiras levam e os desafios que enfrentam.

Foram consultadas as pesquisas de outros autores sobre este tema, e muitos deles forneceram subsídios importantes sobre a monoparentalidade feminina, sobre os desafios enfrentados pelas mães solteiras no seu dia-a-dia, e sobre a relação que é estabelecida entre as mães solteiras e os pais dos seus filhos, bem como as redes de apoio e solidariedade que se encontra acessível às mesmas. Por fim, os autores discutem a questão do ser mãe solteira enquanto uma violação dos princípios morais.

A problemática do trabalho foi formulada tendo em conta que as pesquisas consultadas não permitiam captar como é subjectivamente construída a identidade social das mães solteiras e não permitiam perceber que significados elas dão ao que vivem e que desafios enfrentam no seu quotidiano. Assim, este trabalho ocupou-se desta tarefa, tomando uma abordagem sociológica orientada pela teoria fenomenológica de Alfred Schutz.

Com base na análise e discussão dos dados obtidos, pode dizer-se de forma muito sintetizada que as mães solteiras constroem a sua identidade social através das suas experiências e vivências no quotidiano, que as levam a envidar esforços adaptativos para participar nos diversos espaços sociais em que se inserem.

Desta forma, as mães solteiras vivem uma luta pela aceitação social, uma luta pela estabilidade económica, e uma boa convivência com as demais pessoas. Ser mãe solteira significa enfrentar uma série de desafios sozinha, estar preparada para lidar com as adversidades e doenças da criança sem contar com a participação do pai. Na verdade, ser mãe solteira significa estar preparada para ser mãe e pai em simultâneo, lidar com todas as dificuldades da vida com os filhos.

Foram encontradas mães solteiras que vivem com os pais, assim como as que vivem sozinhas e os seus depoimentos eram similares em diversos aspectos, tais como: vulnerabilidade económica, ser participativa na vida do filho, sofrer os efeitos do controlo social, acabar por desempenhar o papel de mãe e de pai simultaneamente.

Ser mãe solteira não é um estado permanente e perpétuo mas sim uma identidade social fluida, em mudança constante e que está continuamente dependente das escolhas que cada uma faz nas situações da sua vida e que significados orientam essas escolhas.

A teoria fenomenológica permitiu-nos olhar para uma identidade social que muda a cada vez que as mães solteiras se inserem no quotidiano do mundo da vida, pois as suas experiências subjectivas são diferentes em cada situação social.

Considerando a pergunta de partida levantada neste trabalho – *como é que ocorre o processo de construção da identidade social das mães solteiras a partir da vida quotidiana?* – Pode dizer-se que as mães solteiras constroem a sua identidade com base na forma como vivem e produzem experiências ligadas à maternidade, que trazem consigo diversas dificuldades, pelo facto de serem mães solteiras, um grupo social estigmatizado, e por enfrentarem diversos desafios ligados à situações de crise económica, social e emocional.

Algumas mães solteiras passam por episódios de discriminação e de estigma pelo facto de serem mães separadas ou sem marido, porém, há mães que mesmo assim conseguem viver a sua vida normalmente e mantêm uma relação boa com as pessoas à sua volta, sem constatarem nenhuma atitude discriminatória ou estigmatizante. Deste modo, a hipótese da pesquisa fica parcialmente refutada e parcialmente confirmada, pois há esta duplicidade de casos, constatada nos depoimentos das mães solteiras.

A pesquisa permitiu colher dados sobre a identidade social das mães solteiras que não tinham sido previstos pelo pesquisador e que não tinham sido abordados na revisão da literatura. As mães solteiras não se colocam como meras vítimas das circunstâncias, elas procuram construir mecanismos de adaptação diante das dificuldades que enfrentam, só que esses mecanismos que elas criam, estão mais voltados para o bem-estar dos seus filhos do que delas mesmas.

As mães solteiras que vivem com os seus pais, ou outros parentes, sofrem o controlo social com mais notoriedade, pois há um conjunto de proibições colocadas a elas para que não fiquem grávidas novamente numa situação em que o pai não irá assumir a criança ou seja um relacionamento que não oferece segurança ou sinais de durabilidade.

A família, amigos e vizinhos desempenham um papel duplo e contraditório: são a rede de apoio e solidariedade das mães solteiras, e são as pessoas que noutros momentos, adoptam atitudes discriminatórias, ofensivas e até difamam as mães solteiras. Isso mostra que a relação

entre as mães solteiras com este grupo de pessoas é situacional, depende da condição social e financeira da mãe solteira, bem como do respeito que ela recebe dos outros em função da vida que leva.

5.1. Limitações do estudo

O presente estudo não constitui uma descrição e explicação que possa ser generalizada para todas as mães solteiras, pois a forma como estas vivenciam a maternidade é subjectiva e varia de pessoa para pessoa, segundo o contexto em que ela se encontra inserida. Por outro lado, Hall (2006) considera a identidade social como um processo, algo fluído e situacional, e não uma construção acabada.

A pesquisa não permite olhar para as questões de uso de contracepção por parte das participantes, pois não foi possível até a altura da realização da pesquisa questionar se usavam métodos de contracepção. Há também questões que poderiam ser exploradas de forma mais aprofundada, ligadas ao contexto familiar em que as mães solteiras se encontravam quando começaram a namorar e como foram tomadas as decisões pela família dela e do namorado diante da descoberta da gravidez.

A técnica de recolha de dados foi pouco explorada, considerando o tempo e recursos disponíveis para a pesquisa. Sendo assim, não foi possível explorar de forma profunda as trajetórias históricas e sociais das mães solteiras, sobretudo na sua vida social antes da gravidez, tendo limitado a perspectiva para o momento do namoro em que se descobre a gravidez.

A amostragem por bola de neve pode ter feito com que as mães solteiras indicassem pessoas que apresentam o mesmo perfil social de forma subconsciente, o que mostra as limitações metodológicas desta técnica de amostragem. Isso pode explicar a notável homogeneidade do perfil das mães solteiras que participaram desta pesquisa.

Não foi possível estudar os comportamentos e práticas das mães solteiras em diferentes dias, pois as abordagens mais recentes da Sociologia do Quotidiano mostram que o quotidiano não é apenas um espaço de repetição e de monotonia, mas também de inovação e reinvenção constante. Este estudo não permitiu tomar a noção de “vida quotidiana” com a profundidade necessária no processo de construção da identidade das mães solteiras.

6. Referências Bibliográficas

- Albino, T. de J. (1986). *Mães solteiras numa aldeia transmontana*. *Análise Social*. vol. XXII (92-93). pp. 683-695.
- Almeida, L. S. de. (2007). *Mãe, Cuidadora e Trabalhadora: As múltiplas identidades de mães que trabalham*. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*. v. 19. n. 2. pp. 411-422.
- Baliana, L. K. (2013). *Monoparentalidade Feminina e seus Desafios: Um Estudo Exploratório* (Dissertação de Mestrado em Política Social). Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Berger, P. & Luckmann, T. (1987). *A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis, Vozes. 7ª ed.
- Berlatto, O. (2009). *A construção da identidade social*. *Revista do Curso de Direito da FSG*. Caxias do Sul. n. 5.
- Carnut, L., & Faquim, J. (2014). *Conceitos de família e a tipologia familiar: aspectos teóricos para o trabalho da equipe de saúde bucal na estratégia de saúde da família*. J Manag Prime Health Care.
- Chicolo, P. V. (2017). *Famílias monoparentais: A Construção da Identidade das Mulheres Chefes de Agregados Familiares no Bairro de Magoanine “A” – 2017* (Monografia de Licenciatura em Sociologia). Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Departamento de Sociologia.
- Crespi, F. (1997). *Manual de Sociologia da Cultura*. Lisboa: Editorial Estampa. 1ª ed.
- Dubar, C. (1923). *A crise das identidades: A interpretação de uma mutação* (C. Matos, trad.). Edições Afrontamento.
- Ferreira, J. M. C. (org). (2013). *Sociologia*. Escolar Editora.
- Fialho, J. (2017). *A Construção da Identidade social e Profissional através da acção das redes de sociabilidade laboral*. Portugal: Revista Argumentos Montes Claros. v. 14. n.1.
- Goffman, E. (2004). *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada* (M. Lambert, trad.). (s/n). 4ª ed.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na Pós-modernidade* (T. T. Silva & G. L. Louro, trad.). Rio de Janeiro: DP&A Editora. 11ª ed.

Liskoski, P. F., & Jung, S. I. (2018). *Nove meses na vida do homem: o envolvimento do pai na gestação*. Taquara: Universo Acadêmico. v. 1. n. 1.

Macamo, E. (2004). *Ler Moçambique Sociologicamente*. In: *A Leitura Sociológica: Um Manual Introdutório*. Maputo: Imprensa Universitária.

Maccali, N., Minghini, L., Walger, C. de S., & Roglio, K. de D. (2013). *História de vida: Uma possibilidade metodológica de pesquisar os aspectos subjetivos no processo de tomada de decisão*. Rio de Janeiro: EnANPAD.

Machado, H. C. F. (1998). *Mães Solteiras – Uma Abordagem Geral*. Boletín de la Asociación de Demografia Histórica. pp. 79-95.

Marconi, M. de A. & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Editora Atlas S.A. 5ª ed.

Marin, A. H. (2005). *Práticas Educativas Maternas em Famílias de Mães Solteiras e Famílias Nucleares* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia.

Nascimento, L. C. N., Souza, T. V., Oliveira, I. C. S., Moraes, J. R. M. M., Aguiar, R., C. B., & Silva, L. F. (2018). *Saturação teórica em pesquisa qualitativa: relato de experiência na entrevista com escolares*. Rev Bras Enferm. v. 71. n. 1. pp. 228-233.

Oliveira, R. de S. de. (2014). *As Mães dos “Filhos da Mãe” em Tefé/AM: A Ilusão dos Impactos da Ausência* (Dissertação de Mestrado em Sociologia). Manaus – AM: Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL, Departamento de Ciências Sociais – DICS.

Oliveira, R. de S. de. (2015). *Mães Solteiras e a Ausência do Pai: Questão Histórica e Novos Dilemas*. Revista Elaborar. v. 2. n. 3.

Pais, J. M. (1986). *Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana*. Análise Social. v. 22. n. 90. pp. 7-57.

Pais, J. M. (2002). *Sociologia da Vida Quotidiana: Teorias, Métodos e Estudos de Caso*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Richardson, R. J. (2008). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Editora Atlas S. A. 3ª Edição.

Sarragioto, J. M. (2016). *Mães Solteiras: Superando Estigmas e Paradigmas* (Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola). Itambé: Universidade Federal do Paraná.

Save The Children (2007). *Crenças, atitudes e práticas socioculturais relacionados com ao recém-nascido: Estudo em Chibuto, Búzi e Angoche*. Maputo: Save the Children.

Scarpellini, M., & Carlos, V. Y. (2011). *Monoparentalidade Feminina e Vulnerabilidade Social: a realidade de mulheres chefes de família no município de Apucarana*. Universidade Estadual de Londrina: Gênero e Família, Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas.

Schutz, A. (1979). *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Soares, J. dos S., & Carvalho, A. M. (2003). *Mulher e Mãe, “Novos Papéis”, Velhas Exigências: Experiência de Psicoterapia Breve Grupal*. Maringá: Psicologia em Estudo. v. 8. pp. 39-44.

Thurler, A. L. (2010). *Mães Solteiras Migrantes em Planaltina (DF): Violências, Exílios, Esperanças de Mulheres Brasileiras*. Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos.

Verza, F., Schleiniger, C. dos S., Gomes, G. A., & Strey, M. N. (2013). *Reflexões sobre a maternidade: um estudo exploratório com mulheres acima de 40 anos*. Athenea Digital. v. 13 n. 3. pp. 179-194.

ANEXOS

Guião de Entrevista

1. Perfil sócio demográfico das entrevistadas
 - a) Idade
 - b) Religião
 - c) Nível académico
 - d) Profissão
 - e) Número de filhos
 - f) Local de residência

2. Trajectória da vida conjugal e afectiva da mãe solteira
 - a) Como tudo aconteceu até se tornar mãe solteira?
 - b) Qual foi o papel do pai da criança desde o início da vossa relação?
 - c) Como é a sua relação com ele actualmente?
 - d) O pai da criança participa no crescimento e na vida dela?
 - e) Como é que era a sua vida conjugal e amorosa até o momento da gravidez?

3. Processo de vivência da gestação e do parto
 - a) Como é que lidou com a gravidez?
 - b) Quem foram as pessoas que ajudaram nesse tempo?
 - c) Quais foram os principais desafios de ser mãe?

4. Relação da mãe solteira com a família e amigos no seu quotidiano
 - a) Como é a sua relação com a sua família e seus vizinhos tendo em conta que é mãe solteira?
 - b) Como é que você se comporta diante deles?

5. Principais desafios ligados ao quotidiano das mães solteiras
 - a) Como mãe solteira, quais são os desafios que tem enfrentado no seu dia-a-dia?
 - b) Quais são as estratégias que usa para superar essas dificuldades?
 - c) Quais são os constrangimentos pelos quais passa por ser mãe solteira?

6. Rede de apoio e de solidariedade da mãe solteira

- a) Quem são as pessoas que costumam te ajudar quando passas por dificuldades?
- b) O que é que as pessoas mais próximas têm feito por ti?

7. A dimensão subjectiva da experiência de ser mãe solteira

- a) O que significa para ti ser mãe solteira?
- b) Há quanto tempo vive como mãe solteira?
- c) O que você aprendeu ao ser mãe solteira?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Respondo pelo nome de Helmano José Orlando Mondlane, sou estudante da Universidade Eduardo Mondlane, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Curso de Sociologia. Estou a escrever o meu trabalho de conclusão do curso, e gostaria de dar algumas informações antes de prosseguir.

Você está a ser convidada para participar de forma voluntária numa pesquisa social. Não é obrigada a participar deste estudo, caso não queira pode informar, e não haverá nenhuma punição por se recusar a participar.

Estas informações que está a ouvir de mim agora chamam-se Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, servem para dar as informações mais importantes sobre esta pesquisa antes que decida qual será a sua resposta. Nele estão contidas informações sobre o estudo, os objectivos, a metodologia, os possíveis riscos e benefícios, assim como outras informações.

A pesquisa em curso tem como tema: *“A construção social da identidade social das mães solteiras a partir da vida quotidiana em Maputo, 2021”*, e tem como objectivo *compreender o processo de construção da identidade social das mães solteiras a partir da vida quotidiana*, olhando para os desafios que elas no quotidiano. Por conta das restrições impostas pela COVID-19, não posso partilhar o papel mas irei ler e esclarecer todas as dúvidas que tiver.

Você não irá receber nenhum dinheiro ou pagamento pela sua participação nesta pesquisa pois a participação é voluntária. Tem o direito de desistir da pesquisa ou interromper, não haverá punição alguma, de pedir esclarecimentos sobre as perguntas colocadas ou dizer que não sabe determinada coisa. Não há perguntas certas ou erradas sobre o assunto que iremos debater, todas as respostas são válidas.

Para reduzir o risco de contágio pela pandemia da COVID-19, iremos usar as máscaras e manter o distanciamento físico, mas também criar condições de a gravação ser audível. A sua identidade será protegida e as gravações serão guardadas em arquivos seguros, pois toda a informação que disser é sigilosa.

Não existe um benefício económico que resulte desta pesquisa, porém, poderá fazer com que as pessoas conheçam e saibam mais sobre a vida das mães solteiras e os desafios que elas enfrentam no dia-a-dia.

Aceita participar da pesquisa?